

tempo e presença

Publicação do CEDI • Número 215 • Dezembro de 1986 • Cz\$ 6,00

João Roberto Ripper/F4

Caminhos da Vida



tempo e presença

Revista mensal
do CEDI

Dezembro 86

CEDI Centro Ecumênico de
Documentação e Informação

Rua Cosme Velho, 98, fundos
Telefone: 205-5197
22241 - Rio de Janeiro - RJ

Av. Higienópolis, 983
Telefone: 825-5544
01238 - São Paulo - SP

Conselho Editorial

Heloiza de Souza Martins
José Oscar Beozzo
José Ricardo Ramalho
José Roberto Pereira Novaes
Pedro Pontual
Rubem Alves
Zwinglio Mota Dias

Editores

Dermi Azevedo
Jether Pereira Ramalho

Jornalista Responsável

Dermi Azevedo
Reg. prof. nº 239

Secretário de Redação

Flávio Irala

Produção Gráfica

Sérgio Alli

Diagramação e Secretaria Gráfica

Vanderley Mendonça

Preço do exemplar avulso: Cz\$
6,00

Cartas

É o Natal
do Homem Novo
da abundância
da libertação do jugo da
escravidão
da fraternidade
da justiça
da verdade
do Reino de Deus
do amor.

Jesus nasceu e está no
meio de nós.

Homens e mulheres de
boa vontade unidos e aben-
çoados por Deus darão a vi-
da pelo irmão.

Então já não haverá: ce-
gos, coxos, doentes, famin-
tos, desabrigados,
explorados...

Haverá somente filhos de
Deus, felizes.

Haverá paz!

A todos, com amizade, de-
sejamos que o Natal desper-
te uma nova e mais profun-
da vontade de viver e de aju-
dar os outros a viverem co-
mo filhos de Deus e irmãos
entre si.

lajes

Andradina, SP

Enquanto houver acampa-
dos em Tambaba, no Mutirão
de Bayeux, nos galpões da
ICOP ou no Conjunto dos
Bancários, enquanto houver
favelas como a do Timbó ou
da Beira-Rio, poderá haver
Feliz Natal para Cristo?

Dom José Maria Pires
Arcebispo da Paraíba
João Pessoa, PB

Vamos colher os frutos da
amizade e semear os ideais
de paz e prosperidade com
que sonhamos.

Cristo é a nossa paz (Ef
2,14)

A paz é um dom de Deus.
A paz não se reduz a uma
ausência de guerra.

Ela se constrói na busca

da realização do projeto de
Deus que "se fez homem e
habitou entre nós."

A paz, portanto, exige, ca-
da dia, uma justiça maior en-
tre os homens.

Paz e Feliz Natal.

**Dom Francisco Manuel
Vieira**
Região Episcopal de Osasco
Osasco, SP

Com os votos de que o
Natal possa renovar sua pre-
sença em nosso meio e for-
talecer nossa união a servi-
ço de seu reino de justiça e
amor entre os homens.

Fundo Samuel
São Paulo, SP

O rei dos reis, senhor dos se-
nhores, governante dos go-
vernantes, primeiro-ministro
dos primeiros-ministros, pre-
sidente dos presidentes des-
truirá todo o poder maligno
da era presente e trará a
complementação da nova
era de Shalom.

Nós esperamos por esse
dia.

Nós ansiamos por esse
dia.

Nós oramos por esse dia,
clamando: "Vem, Senhor
Jesus!"

Saudações para o Natal e
Ano Novo!

Equipe do CEM
São Leopoldo, RS
São Paulo, SP

Aconteceu Especial

Trabalhadores rurais 1980.....	Cz\$ 10,00
Trabalhadores urbanos 1980.....	Cz\$ 10,00
Trabalhadores urbanos 1981.....	Cz\$ 10,00
Trabalhador rural 1981.....	Cz\$ 10,00
Fiat 1981.....	Cz\$ 10,00
Igrejas: Desenvolvimento e participação popular.....	Cz\$ 20,00
Povos Indígenas no Brasil 83.....	Cz\$ 30,00
Povos Indígenas no Brasil 84.....	Cz\$ 55,00

Faça seu pedido através de cheque nominal para o CEDI
(Av. Higienópolis, 983. CEP 01238 — São Paulo — SP)

CADERNOS DO CEDI

Canavieiros em greve	Cz\$ 40,00
Educação popular: Alfabetização e primeiras contas	Cz\$ 20,00
Sexta assembleia do CMI	Cz\$ 20,00
Peões e garimpeiros: Terra e trabalho no Araguaia	Cz\$ 20,00
Rochas comunitárias & outras experiências	Cz\$ 20,00
Deixar vir a mim os pequeninos	Cz\$ 20,00

LEVANTAMENTO POVOS INDÍGENAS DO BRASIL

Volume 3 — Amapá/Norte do Pará	Cz\$ 55,00
Volume 5 — Javari	Cz\$ 35,00
Volume 8 — Sudeste do Pará (Tocantins)	Cz\$ 75,00

Índice

Vida

- 04 LOUCURA E ESCÂNDALO
Milton Schwantes
- 06 MENDIGOS: À MARGEM DA SOCIEDADE
Bernardete Toneto
- 08 OS QUE VIVEM DO LIXO
Waldir Arnaldo Martins
- 10 OS PRESOS NO BRASIL DE HOJE
Emir Sader
- 12 OS GUETOS PROSTITUCIONAIS
Hugues d'Ana

Rubem Alves

- 16 "...CARA A CARA COM O QUE NÃO SE QUER VER..."

Bíblia Hoje

- 18 NATAL: O POVO GRÁVIDO DE JESUS CRISTO
Leonardo Boff

Constituinte

- 20 EM BUSCA DA UNIDADE LATINO AMERICANA
H. David Delgado

América Latina

- 22 A CRISE DA REPÚBLICA DOMINICANA
Maribel C. Guerreiro

Igrejas

- 25 CONSULTA SOBRE MOVIMENTOS RELIGIOSOS CONTEMPORÂNEOS
João Batista Nunes

Livros

- 27 SERVOS LIVRES
IDENTIDADE NEGRA E RELIGIÃO

Última página

- QUEREMOS PAZ NA TERRA DE SANTA CRUZ
dom Mauro Morelli

Desprezados na sociedade, amados por Deus.

Intenso de avanços e recuos, esperanças e desencantos para o Brasil e América Latina, o ano se despede. Inegável o crescimento da força das organizações populares que se expressaram concretamente com o 2.º congresso da CUT, com o 6.º Intereclesial, com o movimento dos Sem Terra, com a Greve Nacional contra a política econômica do governo, etc. A mobilização pela participação popular na Constituinte e as eleições também foram grandes momentos de atuação de diversos setores da sociedade brasileira. A crise econômica, a dívida externa, os pacotes dos cruzados, as filas intermináveis, foram objetos de discussão, de apreensão e sofrimento para muitos.

Nesse período do Advento parece que o nosso coração se abre mais. A sensibilidade se apura e os olhos começam a ver milhares, ou mesmo milhões, de pessoas que não fizeram parte desses acontecimentos mais substantivos do ano que termina. Eles não contam como elementos fundamentais do processo histórico. São esquecidos ou até desprezados. Párias da sociedade,

marginalizados pelo modo de produção, peso negativo na economia.

E quem são? Entre outros, estão os mendigos, que dormem debaixo das marquises, envelhecidos precocemente, bêbados jogados nas ruas; os presos, torturados e vítimas de policiais e carcereiros; os catadores de lixo, desempregados sem habilitação; e as prostitutas, objetos de exploração e até de escravidão.

Vítimas das injustiças maiores da sociedade, esquecidos e desprezados por todos, não contam para nada. São tidos como inúteis e improdutivos. Mas são queridos por Deus. Estão convocados para o banquete do Rei (Lc 14,16-24), precederão a muitos no Reino.

Quem sabe o espírito do Natal nos leve a pensar neles. Mais: quem sabe neste período de festas o nosso maior enriquecimento seja aumentar a sensibilidade para com os desprezados do mundo. Isso como um primeiro passo em direção a um comprometimento efetivo e solidário com eles. Afinal, são eles os privilegiados daquele que veio para os que sofrem e choram.

Lixo

e escória

Milton Schwantes

Lixo é lixo. Não é nada bonito. Ou teria nele alguma beleza? Ao menos o cheiro e o visual não permitem que seja percebida. A olho nu, o fenômeno não passa de algo repugnável.

Nem mesmo adicionando gente ao lixo, ele cresce em dignidade. Pessoas que vivem de restos não são nada agradáveis. Fedem o fedor de seu ambiente. As crianças que aí lutam pelo pão são sujas, envelhecidas. Não são lindas, nem belas.

Contudo, o apóstolo Paulo se considera "lixo do mundo, escória de todos" (1 Cor 4,13). Entende, inclusive, que nisso reside o evangelho. Isso é estranho. É esquisito. Surpreende.

Afinal, são os pobres que convivem com o lixo. Seu salário é quase nada. O que ganham não corresponde, nem de longe, ao que produzem. Seu ganho é quase nada em comparação com o muito que produzem. Seu salário é uma sobra, um resto, um lixo.

E se são assalariados, até se parecem a privilegiados. A grande massa nem alcança o emprego. Se ajeita. Dá biscoito. Está no desemprego. Foi jogada fora. Parece escória.

E os deficientes? Os débeis e deformados? Escondêmo-los. Separámo-los. Empestam o ambiente. Fazem mal ao visual. Agredem. São feitos escória.

ndalo

Contudo, entre deficientes, explorados e pobres reside o evangelho. Tem aí sua morada. Estes são santuário de Cristo. Evangelizar implica encontrar esse templo de Jesus. A boa nova consiste, pois, em des-cobrir os fracos. Des-tapar a "escória". Atuar a partir dela. Esta é a dimensão da denúncia da boa nova. Abre os olhos para o que existe. Os donos deste mundo encobrem a miséria. Têm todo um aparato de acobertamento das chagas. Escondem os débeis e os famintos. O evangelho de Jesus des-tapa, abre e remexe essas chagas. Grita: Olhem, ao redor de vocês existem milhões de deformados, de carentes, de gente que vende seu corpo. Olhem, vejam, verifiquem! Pobres não caem do céu! Por que seus corpos são tão feios? Sim, o evangelho abre feridas e des-venda misérias que a gente não gosta de ver, não quer cheirar, quer desconhecer.

Aliás, até em nossa vida pessoal é assim. Vejamos. Ninguém de nós cai de cama por acaso. Qual nada. Adoeço por motivos concretos, conhecidos. A doença tem história. Representa um impasse, um momento de estrangulamento. Se ignoro esta história, me fecho ao sentido escondido na doença que, aparentemente de modo súbito, me joga na cama. Coisa semelhante se dá com a pobreza. Se me fecho a conhecer sua história, não entendo sua mensagem. Seu sentido é de denúncia. Pobreza é protesto. Compreendê-la é parte da conversão a Jesus.

Não obstante, as chagas sociais não se esgotam em ser denúncia. Nelas também reside a utopia. São ninhos de esperança. A Bíblia - este memorial de deficientes e pobres - é um livro de sonhos e desejos estupendos e sensacionais. Sara e Abraão, dois velhinhos, passados os anos, ainda anseiam por uma criança. Os homens hebreus, vítimas de genocídio e de torturas sem fim, vão em busca da terra que mana leite e mel. Os profetas, caluniados e jogados no lamaçal das prisões, cantam o canto da terra sem males, onde espadas viram arados. Mulheres, sem direitos, testemunham a utopia derradeira: a morte está vencida! Jesus ressuscitou! Portanto, em meio às dores, floresce a esperança. Esta é a inspiração bíblica.

Aliás, é o que também se vê, aí ao nosso redor. São os pobres que esperam. São as lavadeiras as mais repletas de utopia. As lavadoras mantêm acesa a chama da reforma agrária. Agüentam nos acampamentos. Resistem à repressão policial. Insistem em ter acesso à terra: "Queremos futuro para nossas crianças!" De fato, a utopia vem da periferia. Do centro vêm ordens de morte.

Outro dia visitei um doente. A morte beirava seu leito. Estava condenado. Sua vida fora um suplício. Deformado. Fui com medo. Fúnebre e sinistro. Saí confortado. Havia esperança naquele leito. Vi resistência. A fé

não se entrega à fatalidade. Espera, ainda que o carrasco esteja de olho em nossos olhos.

Por que tamanha utopia? Por que tamanha gana de denúncia? Por que o nome de Jesus estica nossos olhos para o porvir? Por que escancara nossa boca para denunciar e protestar?

Acontece que o nosso Deus assumiu o jeito do pobre. Nasceu ali na estrebaria, em meio aos bichos, ao fedor, ao esterco. Morreu ali na cruz, junto a marginais. Expirou aos berros, em dor. Geme os gemidos dos pobres. Angustia-se com a angústia de corpos contorcidos, deformados. É qual escória. Seu rosto está aí nos rostos sofridos da gente surrada pela exploração. Seu povo está na cara moída dos pobres desdentados (Is 3,15).

Esta escandalosa solidariedade com os fracos e os párias, com os que "nada são" (1 Cor 1,28), é o evangelho. Jesus, o Cristo, é esta boa nova. Desde o mais ínfimo e insignificante nasce esperança. Uma esperança ativa. E nisso mora a novidade da boa nova. Experimenta a transformação a partir do que é mais frágil. Não a espera de poderosos e de líderes fortes. Pratica a mudança a partir de monturos (1 Sm 2,8).

Milton Schwantes é pastor luterano, professor da Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

Mendigos: à margem da sociedade

Bernardete Toneto

Douglas Mansur



O cotidiano: uma ceia mal servida nas calçadas.

Em pleno centro de São Paulo, na rua da Consolação, as escadas de acesso à igreja são ocupadas, de tempos em tempos, por um homem negro, maltrapilho, que cerca seu território com bananas podres e cordialmente tenta estabelecer conversas com os transeuntes. Ninguém olha e o desvio do caminho é acompanhado de palavras. Com 56 anos, brasileiro, eleitor de Antônio Ermírio de Moraes em 15 de novembro, **Valdemar Francisco França** faz parte de uma grande camada da população não computada nas estatísticas oficiais: a dos mendigos, loucos e vagabundos que vivem na capital paulista, a maioria vinda do campo e indo não se sabe para onde, sobrevivendo de esmolas, movidos a cachaça e rompendo a tênue linha que separa a realidade da fantasia.

Apesar das diferenças, a história dos mais de cem mil mendigos que vivem em São Paulo tem alguns pontos em comum: a falta de emprego na cidade natal, o desprezo da família, algum amor perdido, o preconceito da sociedade. "Eu sou índio, filho de pai português e mãe índia. Fui jogador de futebol, amigo do Piazza, aquele que jogou na Seleção Brasileira. Na revolução de 64, eu

era sargento do Exército, mas também fui passista de escola de samba no Rio. Eu não me lembro qual escola, mas lá conheci muita gente", diz Valdemar, puxando pela memória. Apesar de desfiar uma longa lista de artistas de televisão, que vai de Vicente Celestino, passa por Nelson Gonçalves até chegar a Roberto Carlos, ele não se lembra como abandonou a família no Rio de Janeiro e passou a viver na mendicância, tomando conta dos carros no estacionamento de um supermercado, pedindo um prato de comida nos restaurantes da redondeza e fugindo da violência policial.

"A polícia do Jânio não nos deixa sossegados. Bate, expulsa, chama a gente de ladrão"

Assim como Valdemar, muitos outros mendigos de São Paulo passam grande parte do seu tempo evitando um confronto com a polícia, principalmente com a recém criada Guarda Municipal, que mantém uma constante vigilância

para assegurar que os espaços vazios debaixo dos viadutos e os bancos de praça não sejam ocupados pelo povo que vive nas ruas. "Nós não incomodamos ninguém, se alguém quer dar uma esmola, dá, mas nós não praticamos violência. Mesmo assim, a polícia do Jânio não nos deixa sossegados. Bate, expulsa, chama a gente de ladrão", reclama Rogério de Oliveira. Durante o dia, ele pede esmolas no centro da cidade e à noite, reúne-se com amigos para dormir no Largo São Francisco.

Para assegurar um pouco de tranquilidade, os mendigos de São Paulo tentam se manter solidários uns com os outros, estabelecendo um forte código de ética entre si. "Aqui no meu grupo não entra baderneiro. Já tá tão difícil viver, imagina se chega arruaceiro. Aí vai todo mundo em cana", explica José Manoel dos Santos, apoiado pelos outros cinco membros de sua "turma": Gaguiinho, Chefe, Antonio Carlos, Manoel e a única mulher, Sandra Regina. Sob uma fina chuva eles tentavam se abrigar debaixo da marquise do Teatro Cultura Artística, no centro da cidade, dividindo a primeira refeição do dia: duas sardinhas, uma pescada, uma lata de arroz

e dois limões, conseguidos junto a uma lanchonete. O dinheiro obtido durante o dia foi gasto em cachaça - seis garrafas que durariam, no máximo, até o fim da noite.

Se o alcoolismo e as drogas servem como uma estrada para o mundo da fantasia, a dura realidade lhes é apresentada diariamente. Na era da informática e entre tantas estatísticas, não existe no Brasil nenhum dado que aponte quantos são os que vivem nas ruas das grandes capitais. Apenas a Pastoral dos Sofredores de Rua, da arquidiocese de São Paulo, realizou um trabalho nesse sentido, estimando que, em 1980, cerca de cem mil marginalizados tinham a rua por residência. Juntam-se a eles os 7,5 milhões de pessoas que moram em favelas e cortiços. Só na região metropolitana de São Paulo, nos últimos dez anos, entraram 3,5 milhões de migrantes, vindos de todas as partes do país, e que, na "terra da promessa", não encontraram emprego, habitação decente, condições de higiene e assistência médica.

Os sofrendores de rua começam a lutar pelo reconhecimento de sua cidadania.

A vida na rua encerra uma série de perigos, desde o da prisão por vagabundagem até o dos acidentes de trânsito que, em 1985, mataram três mendigos. Quando a assistência médica é indispensável, a primeira solução procurada é o auxílio dos companheiros, acompanhada da temível ida ao Pronto-Socorro, onde são exigidos os inexistentes documentos e o preconceito torna-se evidente. "Quando tive a minha filha, fui pro Amparo Maternal (instituição de atendimento às gestantes carentes, mantida pela Igreja Católica). Eu já tinha tido um menino que morreu com seis meses. Lá eu comia, ganhei a roupinha do nenê e ninguém pediu carteira", revelou Roseli Carvalho, casada com o catador de papel Claudionor Ribeiro.

Se a sorte beneficiou o parto de Roseli, o mesmo pode não acontecer com Sandra Regina, que está no quarto mês de gravidez. Aos 24 anos, Sandra já teve três filhos ("dois estão com o meu tio e o menorzinho, de um ano, eu deixei na Febem") e promete "doar" sua quarta criança para uma família rica, "para que tenha uma vida melhor do que a minha. Eu já trabalhei no Ceasa, carregando laranjas, já fui empregada doméstica,

mas quando eles descobriam a minha doença eu ia embora", diz ela, referindo-se aos constantes ataques de epilepsia que a fizeram sair de casa aos quinze anos, passando a viver entre homens no meio da rua. No seu grupo, Sandra é encarregada de mendigar comida, apanha do companheiro e sonha com uma casa própria onde possa levar os filhos.

Entre 1983 e 85, vários atentados a bomba ameaçaram os mendigos. Um deles foi assassinado.

Na condição de marginalizados, os mendigos de São Paulo deixaram de ser réus e passaram a vítimas ocupando as páginas policiais dos jornais quando, entre 1983 e 1985, uma série de atentados a bomba ameaçou a segurança da comunidade. Um dos primeiros atos de terror aconteceu na praça Domingos de Almeida Junior, quando uma bomba caiu sobre alguns barracos e matou João Francisco Constantino. Pouco tempo depois, num viaduto na Moóca, onde havia pelo menos 15 barracos com famílias, outras bombas foram lançadas, uma delas provocando um rombo próximo ao berço de uma criança de um ano.

Na época os atos de terrorismo foram denunciados pelo Centro Santo Dias de Direitos Humanos e pela Organização de Auxílio Fraternal (OAF). Das investigações realizadas restou a certeza de que as bombas eram atiradas sempre depois da meia-noite, por pessoas que estavam em carros ou motocicletas e que o objetivo era amedrontar os moradores da rua, que, na visão dos órgãos oficiais, "enfeiam a cidade". Atualmente a situação melhorou, mas os mendigos continuam proibidos de dormir nos bancos das praças e freqüentemente os carros pipas, que lavam as ruas durante a noite, jogam água nessas pessoas para que deixem o local.

Apesar da forte repressão a que estão submetidos, os moradores da rua não perdem a capacidade de luta, principalmente quanto ao reconhecimento de sua cidadania. "Nós somos seres humanos, somos cidadãos brasileiros e assim como temos deveres, nós também temos direitos. Eu olho a minha vida, a vida dessa gente, e me dá uma tristeza tão grande. Por que o governo não dá uma mãozinha pra gente?", protestava Roseli, segurando nos braços a filha, enquanto o marido catava papelão pa-

Douglas Mansur



No final da feira, sobrou o abacaxi.

ra depois ser vendido a um preço muito baixo no centro da cidade. Depois de um dia de trabalho, o saldo em dinheiro só dá para comprar leite, cachaça e pouca comida.

Ex-serventes de pedreiro, ex-lixeiros, ex-bóias-frias, ex-desempregados, os vagabundos da capital ainda encontram o apoio, em sua caminhada, na Comunidade dos Sofredores de Rua, uma organização que promove encontros, distribui refeições aos domingos, recolhe os doentes e, principalmente, fomenta a reflexão sobre o processo de marginalização a que estão submetidos. Anualmente, a organização promove a "Missão dos Sofredores de Rua", realizada sempre na Semana da Pátria, como um alerta para o reconhecimento da cidadania dessas pessoas.

Como diz Rogério: "Eu não gosto de ser mendigo. Quem gosta? Mas não tem outro jeito, né? Eu queria mesmo é uma casa, um emprego e ter minha família perto. Mas se a vida já estragou, deixa eu estragar um pouco mais. Vai pinga aí?"

Bernardete Toneto é jornalista de O São Paulo, semanário da Arquidiocese de São Paulo.



Desde criança, aprendendo a brigar pelos restos do luxo.

Os que vivem do lixo

Waldir Arnaldo Martins

É preciso contar uma história, mais que contar uma história é preciso compor um quadro da situação de milhares de brasileiros que, disputando entre si, vão catando a vida aos pedaços espalhada entre os detritos de uma sociedade que se nega a tomar conhecimento de sua existência.

O modelo econômico estabelecido no país tem por trás de si uma política que não tem, em absoluto, a menor preocupação para com a qualidade de vida daqueles que constroem, trabalham e garantem a existência dessa vida. Ao contrário, o desenvolvimento desse modelo supõe a criação de exércitos de miseráveis que vão alimentá-lo com o seu trabalho.

Essa estrutura tira o homem de seu lugar de origem despejando-o em grandes centros urbanos que não dispõem de condições de absorver toda essa mão-de-obra, deixando-a disponível para abastecer a rotatividade do mercado de trabalho, criando assim toda espécie de subemprego.

Dentro de um quadro paradoxal, on-

de a riqueza das metrópoles contrasta com a mais flagrante miséria, um dos expoentes dessa contradição é o catador de lixo que, nas ruas, nos lixões, nos aterros sanitários, faz a reciclagem final de tudo o que se produz e circula na sociedade.

Esses milhares de homens, mulheres e crianças que buscam sua sobrevivência a partir do lixo e são parte do exército de miseráveis que efetuam o resgate de toda matéria-prima que deverá ser reaproveitada pelo parque produtivo, deveriam ter seu trabalho encarado muito mais seriamente, pois tem um peso muito grande nas questões econômica, social e ecológica.

O reaproveitamento racional do lixo evita a destruição de fontes naturais de produção com o reaproveitamento de matérias, preserva o meio ambiente além de ser uma fonte de divisas para a economia que deveria retornar a esses trabalhadores propiciando condições mínimas de saúde, segurança e respaldo social para seu trabalho.

Atualmente a consciência do bem co-

mum é quase inexistente e o trabalho realizado por uma parcela grande de pessoas que hoje em dia sofre dificuldades econômico-financeiras, vivem marginalizadas penando intensamente com a fome e as privações de suas necessidades básicas, não toca nem de perto a consciência coletiva.

O dia-a-dia dos catadores de lixo é brutal e infame. Disputam sua sobrevivência deixando a nu as relações de vida - ou de morte - estabelecidas pelo sistema. É "normal" na rotina desses cidadãos a reprodução das relações econômicas, onde a exploração atinge, neste nosso país ensolarado, níveis inimagináveis.

O trabalho em si

Ao chegarem nos lixões, os caminhões despejam seu conteúdo que avidamente é devassado pelos trabalhadores à procura dos melhores quinhões. Essa procura constantemente provoca acidentes, por vezes fatais: pessoas são atropeladas pelos caminhões e tratores; crianças são queimadas por produtos químicos; outros perdem mãos e mem-

bro na urgência da coleta do seu pão.

Somente na Grande São Paulo existem 31 lixões a céu aberto, sendo que ao redor de todos eles formam-se favelas cujas populações dependem do trabalho do lixo para seu sustento. Nesta atividade empregam-se famílias inteiras que, vindas das zonas rurais e não sendo mão-de-obra qualificada, buscam nela sua sobrevivência trabalhando todos juntos, adultos e crianças, para aumentarem o orçamento doméstico. Assim os lixões formam um universo particular e autônomo com suas regras e valores.

Dentro do lixo existem basicamente duas categorias de trabalhadores: os catadores e os compradores. Os catadores coletam, selecionam e ensacam o papelão, a latinha, o plástico e a chaparia, que, posteriormente, obedecendo a preços de tabela, são vendidos aos compradores que os revendem às indústrias de reaproveitamento por preços duas ou três vezes maiores.

Essas categorias de trabalhadores organizam grupos de lado a lado. Os catadores formam equipes para garantir uma melhor produção, não permitindo que outros catadores de fora de seu grupo trabalhem nas melhores áreas, guardando para si o lixo mais rico, ficando aos mais fracos o resto do resto. De outra parte, os compradores também estabelecem sua forma de exploração, criando entre si mecanismos de controle de preços, pagando o que querem e estabelecendo monopólios de compra e revenda dos produtos para fora do lixão.

No lixão tudo é reaproveitado, desde as pilhas que vão fazer funcionar as lanternas durante o trabalho noturno até pequenos tesouros como correntes e bijuterias que as crianças encontram e guardam para suas brincadeiras. Também são encontrados, dentro do lixo, restos de alimentos que são consumi-

dos por adultos e crianças que vão ao trabalho sem alimentação alguma. Ao comerem sobras de pão, cascas de maçã, laranjas já deterioradas, estes trabalhadores buscam atenuar sua fome imediata, sendo aviltados em sua condição humana.

Lixo: problema de quem?

Envolvida por uma dinâmica desarticuladora, a população, de uma forma geral, se desocupou de seus problemas mais próximos, criando um descaso para as questões administrativas que tão de perto lhe dizem respeito, propiciando uma situação bastante cômoda para as autoridades que deixaram na inércia a busca de soluções para problemas que não fossem garantir a sua popularidade, propiciando com sua conivência a exploração, por empresas particulares, da miséria nacional.

O problema do lixo em todos os grandes centros urbanos do país - não há mais como fugir dos fatos - atinge níveis de calamidade pública. Neste panorama, o problema social dos catadores de lixo pode vir um pouco à tona, cruzando um mar de discussões onde o poder público, devido a seus compromissos com interesses particulares, argumenta não existirem soluções a curto prazo.

Partindo de sua própria realidade, alguns grupos de catadores começam a se organizar em cooperativas e experiências comunitárias para que possam garantir para si o direito de explorar o lixo. Um exemplo disso é a cooperativa de catadores de Vitória, ES, que vem se desenvolvendo na luta pelo atendimento de suas necessidades.

Luta por organização e dignidade

A organização da comunidade na busca de soluções é fundamental, pois

possibilita aos envolvidos uma escola prática da administração de seus problemas e nos empreendimentos que vão solucioná-los, tendo força para pressionar os órgãos competentes para a concretização de seus projetos, estando a própria comunidade assumindo e realizando esses empreendimentos.

Os catadores de lixo hoje ainda estão lutando, em sua maioria, pelo direito de viver da cata do lixo, o que muitas vezes choca a opinião pública, pois estas reivindicações ainda não têm nenhum critério de saúde, segurança física e social. Essas comunidades mobilizam-se apenas para não serem expulsas dos lixões e ficarem sem sua única fonte de renda.

A administração do lixo é um empreendimento altamente viável econômica e socialmente. Sob a orientação do engenheiro Mauro Melo, as prefeituras das cidades de Cornélio Procopio, PR, e Ourinhos, SP, instalaram duas usinas de lixo que provam a possibilidade real deste tipo de empreendimento. Além do retorno financeiro, as usinas contam com toda uma infraestrutura que garante a segurança dos trabalhadores na separação dos detritos. Estes serão posteriormente vendidos ou reaproveitados na própria usina com a instalação de pequenas fábricas, que farão a manufatura dos materiais não orgânicos e na produção de adubos a partir de materiais orgânicos.

Grupos organizados envolvidos com o problema estão buscando nesta tecnologia um canal que apresente possibilidades de atuação em várias frentes na busca de soluções dentro da dinâmica social. Em São Bernardo do Campo, por exemplo, a Associação Comunitária, o grupo Ação de Rua, e outras comunidades organizadas, buscam junto à Prefeitura a implantação desse processo na cidade. Os grupos comunitários envolvidos almejam alternativas concretas na resolução dos problemas dos catadores de lixo, na preservação dos mananciais, na criação de trabalho rentável para os meninos e meninas de rua, bem como no destino do lixo produzido na cidade.

São necessárias várias etapas na luta por condições de vida dignas dentro da sociedade. Sem dúvida, muitas outras iniciativas nesse sentido deverão surgir. Mãos à obra!

Waldir Arnaldo Martins é jornalista e escreveu este texto com base em pesquisa realizada pelo grupo Ação de Rua, do qual é integrante.



Administrar o lixo é um empreendimento viável.



Atrás das grades, sem direitos, liberdade, família e amigos.

O preso no Brasil de hoje

Emir Sader

O delinqüente é o outro. Prova maior: o Aurélio não registra a existência do verbo *delinqüir* na primeira pessoa do presente singular.

A minha geração tomou contato, horrorizada, com os presos através das rebeliões da Ilha Grande e do Carandirú, demonstrações complementares de que penas maiores ainda eram necessárias para aquela espécie subumana. Indo para Santos, víamos alguns detentos dependurados nas grades das janelas, antes que mães e tias nos dissessem que olhássemos pro outro lado. Espectros pairando sobre nossos pesadelos, à espreita nas esquinas escuras, símbolos da encarnação do diabo — tudo representado naqueles seres sem cara e sem alma.

Depois de pegar carona na luta pela anistia dos presos políticos, os detentos comuns voltaram para seu gueto social. Não sem antes terem um breve interregno em que algumas de suas reivindicações pareciam incorporar-se ao pacote de remoção do entulho autoritá-

rio, no início dos governos da antiga oposição, eleitos em 1982, como foi o caso do de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais.

O mínimo direito ao seu reconhecimento de organização e de representação foi rapidamente estigmatizado, em São Paulo, sob a acusação de ser uma organização gangsteril chamada "Serpentes Negras", em uma operação que contou com toda a imprensa conservadora para mobilizar a opinião pública contra aqueles que já pagam de sobra pelos crimes de que foram julgados.

Como resultado da pressão de uma opinião pública que votou para se ver livre da ditadura, quando sua ascensão econômica já não era assegurada pelo regime militar, aqueles governos deram marcha atrás, um depois do outro, passando gradualmente à política tradicional de maior rigor carcerário e de mais contingentes e armas para a polícia. Concluía-se muito antes do esperado a breve primavera da "humanização das prisões", da qual foi protagonista, e de-

pois vítima, o ex-secretário de Justiça de São Paulo, José Carlos Dias.

Passados quatro anos, a situação dos presos não foi alterada com a passagem do país da ditadura para a transição democrática. É como se os ferros e trancas impedissem que os ventos democráticos chegassem até essas filiais do inferno que continuam a ser os prisídios, casas de detenção, delegacias de polícia, onde são depositados os seres humanos condenados pela Justiça ou à espera de julgamento.

À pergunta que a Comissão Teotônio Vilela fizera, no documento entregue em mãos do então candidato à presidência Tancredo Neves, do que mudaria nas prisões, asilos, reformatórios e manicômios com a transição democrática, a resposta é: nada mudou. Ou melhor, a situação piorou, porque agora já não podem contar com a solidariedade de setores da opinião pública, alheios ao que se passa nos calabouços a que enviam por delegação e armamento entregue às polícias, dezenas de milhares de cida-

dãos, antes mobilizados pelos presos políticos.

As ilusões que a sociedade se faz — ou quer se fazer — sobre o que significa estar preso no Brasil estão bem representadas nas tentativas das campanhas de Jânio Quadros, a prefeito, e de Paulo Maluf, ao governo paulista, quando levavam às periferias da cidade um caminhão representando, supostamente, uma cela de um presídio. Nela, os presos viviam nababescamente, com condições negadas à maioria esmagadora do povo brasileiro, buscando levantar um sentimento de ainda maior ira e rechaço aos condenados.

Percebe-se facilmente que a grande maioria da sociedade não tem noção do que é uma penitenciária, um presídio ou mesmo uma delegacia. São difundidas apenas algumas imagens, em momentos de tentativas de fuga, ou de rebelião, pela televisão ou alguma reportagem parcial.

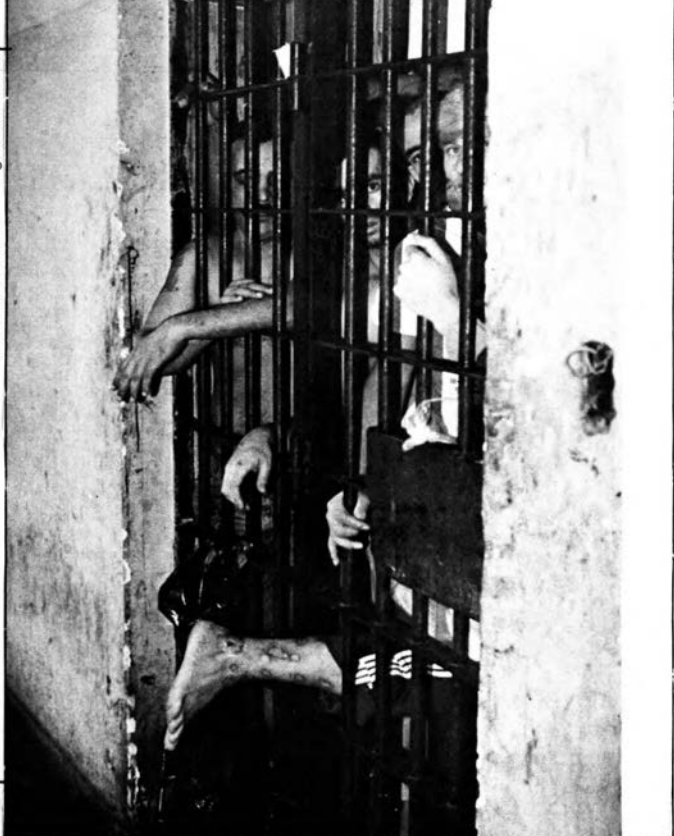
O cotidiano de um preso não é nunca mostrado: as condições físicas, higiênicas, de alimentação, de ócio, de relação com os carcereiros. Suas famílias tampouco têm cara na operação de desumanização dos presos. Penalizados já com a perda de liberdade pelos crimes que a justiça julgou, recebem outras penas suplementares, como a promiscuidade, a violência interna às instituições fechadas, os sistemas de corrupção, de chantagem, de violência sexual, de falta de assistência médica, judicial, psicológica, da falta do direito ao trabalho e à remuneração.

"Hoje a pena de prisão representa quase todo o universo de condenações", escrevia o senador Severo Gomes, membro da Comissão Teotônio Vilela. E continua ele: "A situação só poderá agravar-se, enquanto permanecerem essas instituições, prisões — 'leprosários' —, manicômios, onde preso não tem nenhum direito, depois de ter perdido a liberdade, a família, os amigos, o amor próprio e a dignidade".

Exatamente ao contrário de qualquer tentativa de ressocialização, de "recuperação" de um condenado, as prisões geram as melhores condições para sua cronificação numa categoria subumana, onde o condicionamento social e as próprias leis do cão conduzem a novos crimes e à degradação definitiva. É como se a sociedade fizesse tudo para poder reiterar sua convicção de que os presos são irrecuperáveis.

A humanização dos presídios foi apenas uma promessa da transição democrática.

Vidal Cavalcante — Agência Folhas



A falência do sistema penitenciário brasileiro reside, em última instância, o fato de que não oferece ao condenado nenhuma alternativa, senão um escuro buraco sem fim, pelo qual ele se afunda a cada noite e a cada alvorada. Por isso, com razão, um artigo recente sobre as prisões utilizava como cabeçalho a citação da entrada do inferno de Dante: "Deixai aqui todas as esperanças, ó vós que entraís!" Menção que deveria ser obrigatória na porta de todas as prisões e penitenciárias do país, se houvesse uma sinceridade profunda da parte da sociedade em relação ao seu sistema judiciário e penitenciário. Pobre daquele que cai nas malhas desse sistema!

Incapaz de encarcerar todas as pessoas que quer condenar, esse sistema apela para as delegacias, onde são depositadas, hoje no Brasil, centenas de milhares de pessoas condenadas, em condições ainda piores de que aquelas dos presídios e penitenciárias. Um clima que nada tem a ver com aquela convivência idílica que as telenovelas insistem em difundir das delegacias brasileiras: um delegado boboca, um ou dois guardas idem, nenhuma violência, nada de tráfico de drogas, nem violações sexuais, promiscuidade, doenças, o direito de visita das famílias absolutamente respeitado.

Esse cinismo oficial convive com a democracia, com o respeito à proprie-

dade, com o liberalismo, com os direitos do cidadão, tão somente porque aos presos não se reconhece nenhum direito. A democracia comporta como elemento essencial o respeito ao *outro*, não somente como alguém que divirja, mas também daquele a quem a justiça já condenou por seus atos. O preso deve participar da gestão do seu mundo e de suas atividades, não apenas como direito, mas também como elemento indispensável para sua ressocialização, para a redescoberta, por sua própria prática, de sua identidade como cidadão e como trabalhador.

Essa é, além disso, a única garantia de que possam, por meio dessa identidade, retornar a um convívio social com o respeito ao *outro*, tratamento similar ao que recebeu dentro do sistema carcerário. Enquanto a sociedade lhe tratar como excluído, sem nenhum direito, condenado ao inferno penitenciário, só pode esperar a forra se algum dia eles conseguirem sair lá de dentro. O direito de organização, o reconhecimento político do seu direito de opinar, discutir, avaliar as condições em que vive, devem imperar, mesmo dentro de um presídio. Que nada mais é do que outra modalidade de convívio e, portanto, de produção e de reprodução das condições sociais de existência dos homens.

Emir Sader é professor universitário e integra a Comissão Teotônio Vilela de Direitos Humanos.

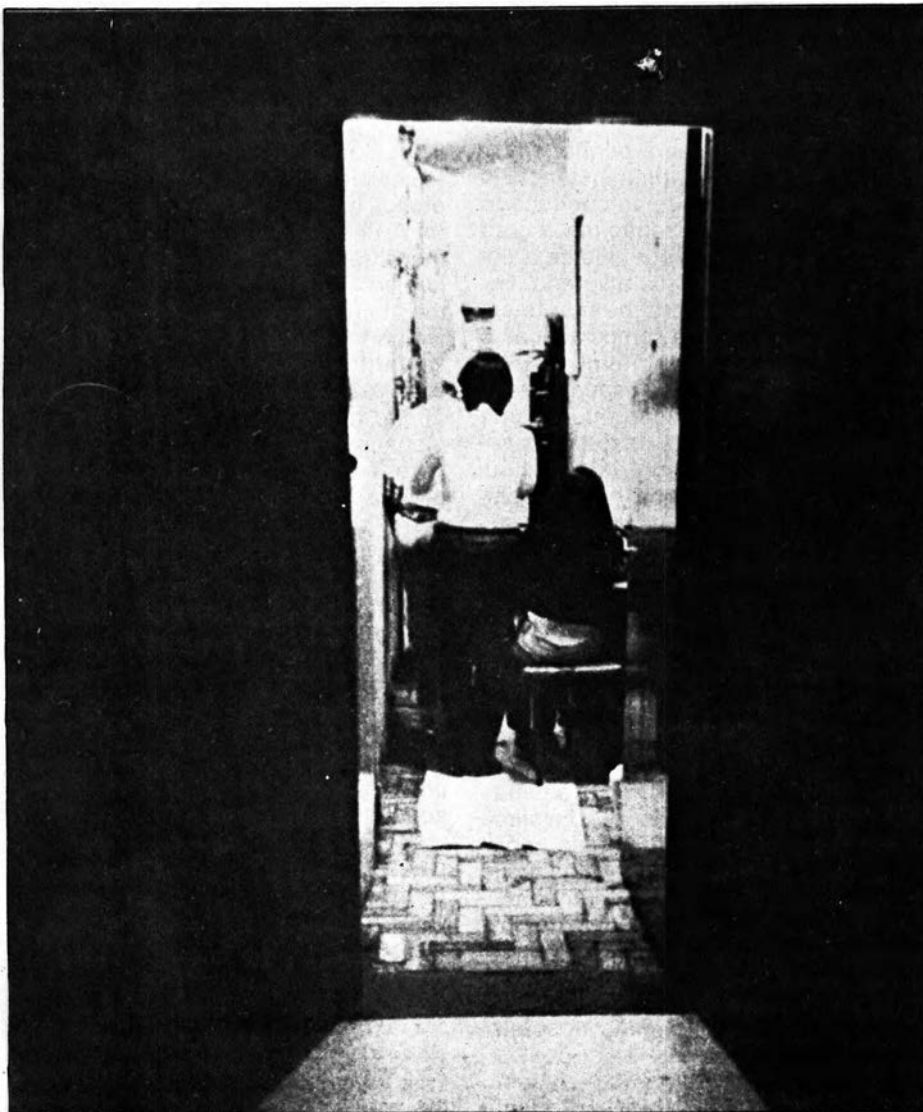
Os guetos prostitucionais

Hugues d'Ans

Gostaria de tentar me fazer eco do clamor de três milhões de mulheres prostitutas do Brasil... Somente na cidade de São Paulo, estima-se que haja aproximadamente trezentas mil! Todavia, paralelamente à prostituição feminina, a prostituição masculina, sobretudo nos grandes centros, se desenvolve num ritmo incrível... e atinge mesmo a França, uma vez que se calcula em um mil os travestis brasileiros que se apoderaram do "Bois de Boulogne", em Paris.

Realidades diversas

O Brasil conhece uma prostituição à escala desse quase continente (8,5 milhões de km²), do seu subdesenvolvimento e dos desníveis sociais que subsistem. É, pois, particularmente, difícil falar em tão poucas linhas de uma realidade tão complexa. Para isso, seria necessário antes falar de **realidades diversas**, tão grande é a diferença entre a situação que nos deparamos no Norte e no Nordeste e a situação do Leste e do Sul... O Norte e o Nordeste constituem uma região cruelmente marcada por uma extrema miséria provocada principalmente por condições climáticas desfavoráveis. O Nordeste viveu uma seca catastrófica que durou mais de cinco anos. Na Amazônia, principalmente, mas também no Leste e no Sul, uma minoria de ricos (5% da população) e as glórias multinacionais concentram em suas mãos a quase totalidade das ter-



Para muitas mulheres não há outra alternativa.

Este artigo foi extralido do livro "O Grito de Milhões de Escravos — A Cumplicidade do Silêncio". Ed. Vozes - 1986.

ras. Calamidades públicas de um lado e estruturas feudais de outro, provocam enormes e incessantes movimentos migratórios internos e mesmo externos. Expulsas e atraídas pela miragem da cidade, as vítimas do sistema vão engrossar as fileiras dos marginalizados e se acumulam na periferia das cidades.

Agência Folhas

Aspecto jurídico

Chamamos a atenção agora, em meio a tantas outras, para algumas práticas de exploração ligadas a esse contexto miserável que conduz à prostituição:

- tráficos de crianças compradas de seus pais e transportadas para o Sul;
- aliciadores que recrutam pseudodomésticas no interior do país, onde se faz sentir um terrível problema de falta de emprego, dando-lhes a ilusão de um alto salário na cidade;
- empregadas domésticas engravidadas pelo patrão ou um dos seus filhos e jogadas na rua "para salvar a honra da família";
- promiscuidade dos trabalhadores volantes (homens; mulheres, crianças), viajando amontoados até 70, de pé, durante longas horas, nos caminhões, sem nenhuma proteção;
- famílias vivendo amontoados em um ou dois cômodos ou então na rua...

É evidente que tais situações provocam um **desajustamento familiar** principalmente devido à **miséria econômica**. Quantas são as famílias cujo pai fica longe e não volta, senão uma ou duas vezes durante o ano? Um terço das mães de família da cidade de São Paulo são mães solteiras. É preciso acrescentar a este contexto social um número elevado de analfabetos e de deficientes mentais (do qual a sub-alimentação é a principal responsável). Para muitas mulheres, freqüentemente, não há outra alternativa: prostituir-se ou morrer de fome... Aqui, bem mais que nos países abastecidos, a miséria econômica é o fator preponderante. Digo preponderante mas não único, senão toda jovem pobre tornar-se-ia automaticamente uma prostituta, o que não é o caso! É ainda necessário acrescentar a miséria moral, afetiva e sexual... que são quase sempre consequências diretas do desajustamento familiar. Quanto mais aumenta a série desses fatores, mais aumenta a possibilidade de se deixar arrastar pela engrenagem prostitucional.



Um encontro freqüente e desigual.

Entre as pessoas prostituídas encontramos um número assaz elevado de negras e de mulatas... porque elas constituem o grosso do contingente dos pobres.

Os primeiros tropeços da prostituição ocasional ocorrem muito cedo, geralmente entre doze e catorze anos. Não é raro que a própria "mãe" explore a prostituição de suas filhas fingindo ignorar! Quantas delas já me disseram que se elas chegam em casa sem trazer suntuosos presentes (geladeiras, fogão a gás, móveis novos, roupas para os irmãos e irmãs, televisão, etc.) elas são muito mal recebidas. E quando a "mãe" não pode mais disfarçar seu sórdido jogo, ela se lamenta porque tem "dado bons conselhos, mas a filha não escuta!" No entanto, já que "não tem jeito", tira proveito!

Para ser completo, é necessário acrescentar que também existe uma **prostituição de luxo** no Brasil. Ainda que muito mais rara, ela não deixa nada a desejar às mais chiques boates de Paris, de Hamburgo ou Nova Iorque... Dourada ou não, a escravidão é fundamentalmente a mesma, só que neste caso é bem mais organizada. Em geral, é muito difícil entrar em contato com essas jovens presas em seus pequenos domínios privados onde é necessário ter carta branca para poder ter acesso. Todavia, a imensa maioria das prostitutas brasileiras se encontram nos guetos prostitucionais chamados **zonas de baixo meretrício**, sempre em condições desastrosas sob o ponto de vista da habitação (cortiços e favelas) e da higiene (esgoto a céu aberto e lixo atraindo ba-

talhões de moscas e mosquitos). Bom número de mulheres prostitutas trabalham durante o dia como empregadas domésticas ou como bóias-frias rurais e se prostituem durante a noite para complementar um pouco seu salário de miséria.

Exploração da miséria

Sob o ponto de vista legal, o Brasil ratificou em 1958 a Convenção Internacional das Nações Unidas (2 de dezembro de 1949) para a repressão do tráfico de seres humanos e da exploração da prostituição alheia. Se é oficialmente abolicionista, o Brasil adota de fato uma atitude regulamentarista, uma vez que confina as pessoas prostitutas nas "zonas" e as obriga freqüentemente (isto depende do arbítrio da polícia local) a se inscreverem em um fichário, a dar sua fotografia e a submeter-se a um exame médico mensal. O Código Penal, que prevê duras penas aos que tiram proveito direta ou indiretamente da exploração da prostituição, não é aplicado senão pelo avesso: as vítimas são perseguidas e os proxenetas, freqüentemente pessoas de "bem", gozam da impunidade e até mesmo da proteção das autoridades!

Lembremos, enfim, um novo modo de exploração da prostituição que fez um extraordinário progresso em todo o território nacional. Trata-se dos chamados "motéis" que gozam de dez anos de isenção fiscal... para encorajar o turismo (CNTUR e Embratur, decreto lei 55 de 18/11/66)!



Pela lei da "oferta e procura" elas não conseguem "bom valor de mercado".

Machismo

O Brasil conhece também contradições que não deixam de ter um significado simbólico. No quadro de uma sociedade machista (sem esquecer que se trata de uma herança ibérica), a mulher é ainda muito frequentemente tratada como um simples objeto; entretanto, há o culto da Virgem e da Mãe.

No lar, a esposa, geralmente, não é senão uma empregada doméstica que trabalha gratuitamente como escrava. No domínio da genitalidade, o primeiro ato sexual das brasileiras é frequentemente um verdadeiro estrupo porque o **macho** quer possuir **sua** mulher. Não é raro que o pai conduza pessoalmente seu filho de quinze anos a uma zona de prostituição "para tornar-se homem". Mas, se uma filha tem a infelicidade de tornar-se uma "mãe solteira" (mas onde estão, pois, os pais solteiros?), ela é abandonada sozinha, no "trottoir", com seu filho no ventre... Uma noiva, até mesmo uma digna mãe de família, acham normal que o bem-amado frequente as "mulheres da vida": "É um homem, não é? Ele tem necessidade disso!"

Pelo contrário, se o noivo descobre que sua prometida não é mais virgem, o culpado corre perigo de morte... De qualquer modo, não se cogita mais de casar-se com uma "puta". É todo o problema da **dupla moral** que protege o homem e prejudica a mulher.

Fé popular

Na grande maioria, as mulheres prostitutas brasileiras têm **vergonha** de seu estado. Trocando de nome e de lugar constantemente, elas tentam se convencer que sua família "ignora tudo sobre sua situação". Elas fogem do olhar de seu interlocutor. A grande maioria se vê condenada às chamas do inferno, mas acrescenta: "Eu padeço tudo isto para que meus filhos não passem pelo que eu tenho sofrido". No fundo de sua dor física e moral, as mulheres prostitutas brasileiras conservam uma fé irredutível. Ninguém se espanta de encontrar em seus quartos imagens de santos ao lado de imagens eróticas (colocadas para satisfazer os fantasmas dos clientes). Um dia, uma delas me confessou: "A única riqueza que temos são nossos filhos e Deus".

Em Mt 21,31, Jesus diz das prostitutas que elas não de preceder a muitos no Reino de Deus! Ele as opõe aos fariseus de todos os tempos. Jesus sabe, com efeito, que elas são **vítimas** de toda uma sociedade que as marginaliza, depois as explora, condena-as hipocritamente, e, por fim, as reprime violentamente. Jesus não condena as vítimas mas, pelo contrário, estende-lhes a mão e lhes oferece os primeiros lugares. Existe maior coerência? Mas há também um outro motivo: quanto mais uma pessoa se afunda, mais tem sede de absoluto. Os extremos se atraem. Lembremo-nos de Maria de Mágdala que se tornou **Santa**. Maria Madalena, a primeira pessoa a fazer a experiência da ressurreição! No fim do túnel brilha a luz.

Há em todas essas mulheres uma "transparência" muito grande quando se cria um clima real de amizade; geralmente elas não procuram se justificar... ao contrário das pessoas de "bem", que sempre encontram desculpas por meio de argumentos sutis, autojustificadores. Se uma dama da sociedade mantém relações com um "amigo", ela tem "um caso"; se uma jovem pobre faz o mesmo, ela é logo chamada de "puta"... De qualquer modo, nos dois casos, fica bem entendido que é sempre Eva a culpada!

Reinserção social

Há, no Brasil, casas de reinserção social, todas devidas à iniciativa privada. Todavia, a reinserção pode se efetuar sem passar necessariamente por essas casas de acolhimento: é o que acontece na grande maioria dos casos, já que as instituições desse gênero são raríssimas. De qualquer forma, a iniciativa deve partir das interessadas. Nossa atitude consiste tão simplesmente em ajudar a esclarecer seu projeto de libertação através de uma relação de **escuta**. Jamais somos os primeiros a propor-lhes a reinserção. E nós lhes deixamos tempo para amadurecer seu projeto. Com efeito, quando elas estão deprimidas ou são vítimas de violências de toda espécie, todas, nesse momento, querem "deixar" seu estado de vida; mas, na semana seguinte, a maioria já esqueceu, refugiando-se na droga e/ou no álcool...

Quando uma jovem está firmemente decidida a recomeçar uma nova vida, o maior problema que ela encontra é o de

enfrentar uma sociedade que não esquece, não perdoa, e, muito menos ainda, não acolhe! O testemunho de Agnes Laury nos faz estremecer: "A prostituição é um desses infernos de onde dificilmente se pode escapar, de qualquer modo, amputada para sempre. Mas, depois, é ainda sempre um inferno também..." Há sempre um mal intencionado para lembrar o passado no momento "certo"; por vezes, é até uma "amiga" que se encarrega de fazê-lo...

Se essa jovem consegue arranjar, enfim, um emprego e quando se descobre, em seguida, qual foi o seu passado, quase sempre ela é sujeita à expulsão. Dificilmente se oferece trabalho a um ex-alcoólatra ou a um prisioneiro que acaba de cumprir pena... mas quase nunca a uma ex-prostituta. Talvez porque ela nos devolve a nossos próprios fantasmas e porque ninguém de nós se sente totalmente inocente nesta matéria...

É evidente que é muito importante se preocupar com a reinserção social das ex-prostitutas. Entretanto, o trabalho de **prevenção** é mais importante ainda: é melhor evitar que alguém caia nas malhas da prostituição que tentar inseri-lo depois! Sobretudo, é primordial lutar para colocar em ação **uma nova ordem econômica mundial**, uma civilização fraterna onde jamais os ricos oprimam os pobres, onde nunca ninguém reduza o homem ou a mulher à escravidão! Uma redistribuição melhor das riquezas, salários dignos desse nome (idênticos para o homem e a mulher) não resolverão certamente tudo, mas uma grande parte do problema.

Como podemos dormir tranquilos enquanto adolescentes precisam vender

seu corpo para comprar um pouco de leite para seu bebê?

Pastoral da mulher marginalizada

No Nordeste, havia tentativas isoladas e esporádicas de apoio à mulher só e desamparada. A chegada, em 1963 e 1966, de quatro equipistas da "Ninho" (Paris), em resposta ao convite lançado por dom Antônio Batista Fragozo (então bispo auxiliar de São Luís do Maranhão) fez dinamizar e unificar essa "pastoral da mulher só e desamparada" em 28 cidades do Norte e Nordeste. Tomou denominação e aspectos diferentes conforme os locais de ação de cada movimento, dadas as diversidades de cada uma das realidades locais. Essas diferentes equipes se reúnem uma vez por ano, a nível regional.

No Sul, durante os anos 60, um dominicano francês, Jean-Pierre Barruel de Lagenest, com o apoio da prefeitura da cidade de São Paulo, começou um trabalho na mesma linha; infelizmente, isso terminou em 1970, devido à resistência do "meio". Outras iniciativas nasceram igualmente no Rio de Janeiro e no estado de São Paulo (Campinas, São Sebastião, Santos e Lins) todas ligadas à Igreja Católica, como no Norte e no Nordeste. Um primeiro encontro Leste-Sul se realizou nesse ano em Lins, de 24 a 26 de julho, com a participação de dom Fragozo e de frei Barruel, reunindo 45 pessoas provenientes de cinco estados (Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Norte).

Reflexões finais

a) A luta das mulheres prostitutas é

luta delas! São elas que devem se organizar. Elas são as protagonistas, isto é, as "lutadoras de primeira linha". Ninguém liberta ninguém: liberta-se! Não podemos libertá-las contra elas mesmas. Elas têm o direito de conquistar um **espaço eclesial** na Igreja e um **espaço político** na sociedade.

Neste sentido, já há belíssimos sinais de esperança com o movimento organizado em São Paulo pelas amigas de Maria Regina de Rezende que foi assassinada com curare por um estudante de Medicina Veterinária. Elas conseguiram reunir trezentas delas para a realizar manifestações na cidade, não para se vingar, mas simplesmente para exigir que a justiça fosse feita... porque a mulher prostituta, de vítima se torna sempre culpada! Ainda que o veredicto final tenha declarado o assassino "débil mental" (mas como ele conseguiu então seguir os estudos universitários e estava dirigindo uma clínica veterinária?). As consequências desse movimento são importantes porque as mulheres prostitutas experimentaram que são capazes de se organizar **sozinhas**, sem a ajuda de ninguém, apesar das ameaças e intimidações provenientes do "meio".

b) Quanto a nós, pessoas ligadas aos diversos movimentos, ficamos simplesmente na retaguarda, para ajudar, se elas fizerem o pedido. Pois sua luta não pode ser uma luta isolada: é a luta de todas as mulheres marginalizadas, de todas as mulheres enquanto mulheres, e, é também a luta de todos os oprimidos recusando uma sociedade fundada sobre a exploração do outro.

c) Enfim, em nossos contatos com uma mulher prostituta, evitemos todo julgamento moralista, sentimentalista ("pobre coitada"!). Evitemos, sobretudo, qualquer condenação: nossos bons conselhos, nossas "lágrimas de crocodilo" e nossos preconceitos não servem senão para afundá-la ainda mais! Respeitemo-la e amemo-la de modo profundo, autêntico e gratuito: "A mulher prostituta morre porque não é amada" (Agnes Laury). Ela reclama afeto, ternura e amor aos quais ela tem direito, mas que nunca encontrou e de que ela precisa tanto para viver... Como qualquer ser humano! Recebemos em nossas casas nossos amigos e as pessoas de "bem" da sociedade. Será que as portas de nossa casa e de nosso coração estão igualmente abertas a nossos irmãos e irmãs, vítimas da prostituição?

Hugues d'Ans é padre, reitor do Instituto Teológico de Lins (ITEL) e presidente do Movimento de Libertação da Mulher (MLM).

Religião e Sociedade



Uma publicação que procura mostrar a importância de todas as religiões no contexto da sociedade brasileira. Análises de cientistas sociais, da intelectualidade do clero e do público interessado em desvendar os desafios que comandam a relação Religião-Sociedade.

Números de 1986:

13/1: Ciência e crença: os antropólogos e a religião. O medo do feitiço. Homeopatia no Brasil. Igreja e Educação.

13/2: Tempo e história no conflito de Canudos. O "mito Vargas". Umbanda. Max Weber. Modernidade. Sagrado. (No prelo.)

13/3: Número especial sobre Xamanismo. (A sair.)

RELIGIÃO E SOCIEDADE é uma publicação quadrimestral do Instituto de Estudos da Religião (ISER) e do Centro de Estudos da Religião Douglas Teixeira Monteiro (CER).

Assinatura anual (3 números): Cz\$ 120,00

Pedidos de assinatura, números avulsos e catálogo para ISER - Largo do Machado, 21 - Cobertura - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22231 - Tel.: 265-5747

Leia também **Comunicações do ISER** e **Cadernos do ISER**, ou assine as três publicações por Cz\$ 330,00.

"...cara a cara com o que não se quer ver..."

Rubem Alves



O nome é estranho: "A terceira margem do rio" — história do João, grande sertão... Mas os rios que conheço, de margens só têm duas. Não consegui atinar com o lugar da terceira. É sobre um homem (quem conta é o filho), silencioso e manso, que se calava enquanto a mulher dizia como a vida tinha de acontecer. E foi assim até um dia: ele mandou fazer uma canoa. Madeira boa, que durasse trinta anos, lugar para um canoeiro só, dizendo que ninguém o seguiria. A mulher esbravejou, marido depois de velho vira a cabeça, e agora ia bandear para as farras de pinga e pescaria. Ele não disse nada. Só esperou. Quando a canoa ficou pronta, no mesmo silêncio abençoou o filho e entrou rio adentro, para nunca mais sair. Só que não foi para lugar nenhum. Ficou no meio, subindo e descendo, sumindo e aparecendo. Na terra seca começaram a surgir as explicações: "Pegou doença ruim e fugiu de vergonha..."; "Isto é coisa de religião, cumprimento de promessa..."; "Endoidou, perdeu a razão, virou bicho..." E, enquanto a vizinhança deitava falação, o filho ficava lá, olhando para o rio, esperando a aparição do pai sumido, alma de outro mundo, mistério. E eu penso que foi aí que a terceira margem começou a aparecer, porque o rio lá de fora passou prá dentro, entrou nos sonhos e na imaginação, e o pai ficou criatura encantada, no espanto de seu rosto ao longe. E a história vai navegando qual a canoa, até que um dia, passados muitos anos, o filho já de cabelos brancos, todo mundo tinha ido embora, e ele resolveu. Viu o pai lá longe, pôs as mãos na boca, em concha, e gritou: "Pai, já chega. Você já cumpriu a sua parte. Volte que agora é a minha vez. Eu tomo o seu lugar..." E diz o filho que o pai olhou como nunca olhara, e de longe parecia que ele até sorrisa, e começou a remar, em direção à margem. Mas foi então que um terror imenso entrou no filho, o estômago embrulhou, vomitou, e ele desandou a correr, prá bem longe, prá nunca mais voltar...



É assim: de repente a gente fica cara a cara com o que não quer ver...

Margem, lugar de perigo, onde aparecem pensamentos de outro mundo. Já ouvi falar de muito pescador que cochilava seguro na barranca do rio, mas de repente a terra despencou, e afundou na corredeira. O corpo foi encontrado muitas léguas depois, comido de peixes...

Mas margem, especialmente a terceira, não aparece só ao lado do rio. No alto do edifício, quando se olha prá baixo, a prumo, e até se cospe prá ver quanto demora, se fosse a gente já estaria morto. Não, não é a altura que dá o frio na barriga: são os pensamentos de terror...

E há também a margem da loucura. Você já passou por ela? É o pesadelo, as idéias todas embaralhadas, a gente acorda suando, coração bate forte, e por um momento, no escuro, a loucura cola, pegajosa, e vem o medo terrível que o rio verde/cinza nos enrola, até que se acende a luz e se bebe um copo d'água, prá se assegurar que tudo não passou de susto.

Também a morte de gente amada, de repente, atropelado, matado, suicidou, sem remédio, nunca mais, o mundo vira o peixe, no fundo do mar e nós Jonas, no seu ventre, e o Nada canta suas canções de amores. E vêm os pensamentos de outro mundo...

Com a gente é assim: vez por outra a terceira margem acontece. Mas há outros, diferentes, que moram lá o tempo todo. Gente marginal, literalmente, e os pensamentos deles não são os nossos, e é por isto que, olhando nos seus olhos, a gente fica, de novo, cara a cara com o que não quer ver. Vi, na televisão, a blitz da polícia, soldados de revólver na mão, não tem importância matar, a farda garante que é legal, e foram prendendo os moços, moradores nas margens da cor, pretos, mulatos, nas margens do dinheiro e do respeito, favela, o soldado gordo esmurando a carne fraca, o magrinho que entrou inteiro no camburão saiu um

trapo, só sangue, mas ninguém viu, e o outro levava beliscões no lugar onde a bala entrara...

Há também as crianças que são torturadas pelos grandes. Pai e mãe têm direito de bater. E vão acontecendo as queimaduras, as fraturas, aquele medo imenso, impotente, e aí entendo as razões porque, nas estórias das crianças, há tantos gigantes, madrastas e bruxas malvadas.

E os condenados à morte, fogueira, guilhotina, cadeira elétrica, esquadrões (quem mora nas margens é sujeira, e uma "limpeza" é sempre bem vinda...)

Os velhos, esquecidos nos asilos, aquele cheiro de urina e fezes...

E fiquei pensando nos pensamentos que vão surgindo dentro deles, pensamento de loucura, de matar, de suicidar, de destruir, de fim de mundo.

Todos canoieiros que moram na terceira margem, solitários no meio do rio, subindo e descendo, sem nunca chegar a lugar nenhum.

Se a gente chama e eles vêm, a gente corre, pois ninguém quer ficar cara a cara com o que não quer ver.

Procurei palavras de consolo. Me lembrei do Ivan, dos Irmãos Karamazov, que dizia ao seu irmão religioso, o místico Alioscha, que não havia nenhuma razão divina que pudesse justificar o sofrimento de uma única criança, chorando de desamparo. Com o que eu concordo. E penso então que por aí, pela terceira margem do rio, o abandono é demais e os gritos se perdem no vazio, e vem então uma tristeza imensa, uma raiva de que os céus fiquem em silêncio.

Me consolo pensando que é justo lá que Deus mora, bem no lugar do Diabo.

Natal é isto também: as criancinhas perfuradas pela espada de Herodes. E concluo que o meu Deus é muito diferente daquele em que acreditei em outros tempos. Ele também mora na terceira margem...

Natal: o povo grávido de Jesus Cristo

Leonardo Boff

Jesus nasceu fora do convívio humano, longe de casa, entre animais, numa manjedoura “porque não havia para ele lugar na estalagem” (Lc 2,7). Desde o início está definida a sua missão: estar do lado dos “sem lugar” e identificar-se com os excluídos. Ontem, como hoje, estes constituem sempre as grandes maiorias. Todos eles têm este privilégio: pouco importa sua situação moral, eles carregam Jesus Cristo. Eles são a manjedoura onde Ele repousa. Do ventre dos pobres continua nascendo o libertador do mundo. Eles possuem mil rostos.

Em nosso país, são milhões de crianças abandonadas, tantas quantas é toda a população da América Central. São os mutilados para

sempre por causa da fome. São os excepcionais relegados nos fundos das casas ou reclusos em hospitais psiquiátricos. São os sofrendores de rua, pivetes que sobrevivem com pequenos furtos. São meninas que se prostituem para poderem ajudar em casa. São milhares de mulheres que encontram fechadas as portas do trabalho; só uma a sociedade lhes abre escancaradamente, a da prostituição. São os mais de quarenta milhões de negros que carregam em seu corpo o estigma da discriminação. São os sobreviventes indígenas expulsos de suas reservas. São os milhares de milhares de sem terra que como Abraão estão neste país em busca de uma terra para trabalhar. São os bóias-frias, combustível barato para a máquina

capitalista. São os operários empobrecidos que se julgam ainda privilegiados por serem explorados dentro do sistema do lucro a preço de uma carteira de trabalho e os parques benefícios do Inamps.

São todos esses pobres e miseráveis de nossa gente, considerados zeros econômicos, os humilhados e ofendidos de nossa história, os esquecidos de nossa memória nacional, esses que para este século não são, são para Deus. São os amados do Pai porque ele é o Deus do grito, o Deus que desce para escutar melhor o clamor que sobe da terra e decide libertar os oprimidos.

Todos esses irmãos e irmãs mais pequeninos gritam: “Quero viver!



Xico Santos

para vós todos Emanuel, o Deus convosco. Eu vos enxugarei todas as lágrimas dos olhos. Eu serei vossa vida e vosso direito. Meu nome é Jesus, Deus-libertador."

Deus é só plenamente Deus quando é o Deus dos excluídos. E ele nasce para nós no Natal e em todo momento quando, imitando Deus, incluímos em nossa vida e em nossas lutas a todos os excluídos. Só então o Natal "será uma alegria para todo o povo" (Lc 2,10).

Irmãos e irmãs, pelo menos neste dia, no Natal, olhemos para nossos morros, para nossas ruas, para nossas favelas, para nossos pobres. Olhemos fundo: eles estão grávidos de Jesus Cristo. Ele quer nascer de novo em tua opção pelos oprimidos, em tua luta pela libertação, em tua incorporação na causa, nas lutas e na vida do povo.

*De nada vale Jesus nascer em Belém
Se não nascer em ti de novo
Não o busques além
Faça-o nascer do povo!*

Quero ser pessoa! Não somos também filhos e filhas de Deus? Até quando, Senhor, até quando nos fazes esperar a tua vinda e, com ela, a tua justiça, a tua ternura, a tua paz?"

No Natal, Deus deixa sua luz inacessível e penetra esta treva desumana. Ele assume, ou melhor, se identifica com todos esses oprimidos. Ele lhes diz: "Esses são meus filhos e filhas muito amados. Eu quero ser



Xico Santos

Em busca da unidade latinoamericana

H. David Delgado

"Amando sua pátria e todo o contexto humano e espiritual que particularmente o afeta, não se sinta estrangeiro em lugar nenhum do mundo. Sinta-se um homem no meio dos homens. Seja sempre uma consciência humana. Uma voz humana. Que nenhum problema de nenhum povo lhe seja indiferente. Vibre com as alegrias e esperanças de qualquer grupo humano. Adote como seus os sofrimentos e as humilhações de seus irmãos de humanidade. Sua escala seja a terra, ou, melhor ainda, o Universo."

D. Hélder Câmara

A realidade, de ontem e de hoje, não nos mostra comportamentos voltados para a unidade latino-americana. Será possível esperar, daqui por diante, uma nova visão dos líderes brasileiros sobre a importância que tem a comunidade latino-americana? Como poderia o Brasil agir para concretizar o sonho de Bolívar, José Martí, "Che" Guevara e tantos outros líderes?

Basicamente seria necessário que o povo brasileiro se sentisse integrando a comunidade do sul do continente, um rico pedaço de terra manejado pelo imperialismo norte-americano.

Existiram e existem dois fatores que mantêm o povo brasileiro relativamen-

te distanciado dos outros povos latino-americanos: o idioma e a grande extensão territorial. O Brasil tem se constituído como um *outro* povo latino-americano. Existem trinta e três países chamados *independentes*, com suas repetidas disputas fronteiriças, para a grande satisfação dos "reagans" deste mundo.

Os ideólogos, educadores, comunicadores brasileiros teriam que refletir e planificar, juntamente com o povo, um modo de consubstanciar a mentalidade do brasileiro à cidadania latino-americana. E o desafio, por certo, não é só para os líderes brasileiros, mas também para os uruguaios, chilenos, equatorianos, argentinos e para aqueles de outros países do sul do hemisfério.

Se pretendemos ser respeitados, o mínimo que temos a fazer é unir-nos e deixar que se afoguem nossas tolas rixas. Até aqui, as independências particulares não representam outra coisa que um jogo onde o grande, o adulto, consegue, com sua astúcia, iludir — como se faz com crianças — que nossos países são independentes. Isto chega a tal ponto que uma grande quantidade de cidadãos "letrados" de nossos países sente-se subjugada pelas "democracias" e sistemas dos países industrializados, e os vê como exemplos que deveríamos imitar — cativados pelas

melodias sedutoras dos opressores! Sem contar, naturalmente, aqueles que se vendem como agentes protetores dos interesses multinacionais, apesar de conhecedores da vilania que cometem contra a soberania dos seus países.

A estratégia, não declarada, dos países imperialistas é alimentar as condutas nacionalistas de nossos povos, de maneira que nos vejamos como adversários e não como povos irmãos. A disputa dos torneios esportivos internacionais — especialmente o mais popular deles, o futebol — é um espaço propício para o desenvolvimento do antagonismo entre os diferentes países. Claro que acontece também com os países do Primeiro Mundo. Mas nós não podemos arruinar os esforços de aproximação dos povos por causa de rivalidades desportivas. Quando nos inflamamos em nossas paixões bairristas fazemos o jogo dos poderosos, a quem convém nossas disputas e lutas sem sentido.

Ao longo das últimas décadas, alguns de nossos estadistas se lançaram em projetos de unidade em distintas áreas. Todos os projetos, poderíamos dizer, no substancial se esvaziaram. Por que a Alalc (Associação Latino-Americana de Livre Comércio), um deles, não se consolidou? Esforços, dinheiro investido em comitês de trabalho, assembléias, talentos em horas e horas de trabalho, para resultar numa



teoria impraticável. Que interesses estiveram em jogo para frustrar esse programa de mercado comum? Foram nossos interesses regionais mesquinhos ou foi a ação sub-reptícia de boicote das nações opressoras? Pode ser que tenha sido a soma de ambas: nossa estupidez nacionalista e a hipocrisia dos que se cobrem com as bandeiras da "autodeterminação dos povos", o "direito ao desenvolvimento" (vem-me à mente a Aliança para o Progresso).

A inoperância e morte da Alalc é muito diferente da consolidação e envergadura alcançada, por exemplo, pelo Mercado Comum Europeu, pelo Comecon, ou pela Comunidade Britânica. Voltamos a nos perguntar: Por que não conseguimos? Por nossa ineficiência, por nossas traições, ou pelos poderes diabólicos imperialistas minando qualquer tentativa de reunião de forças dos países do sul?

Penso que em muitos momentos importantes temos preferido defender posições nacionalistas e seus interesses, sabotando o interesse comum dos latino-americanos. Por vezes, nossos governantes foram seduzidos facilmente com prebendas pessoais, sob o compromisso de não dar apoio aos visionários dos Estados Unidos da América Latina. Assim se foi urdindo, ao longo das décadas de nossa história, a tremenda rede envolvente e asfixiante da dependência.

É engraçado ouvir os nossos políticos — ou militares! — falarem sobre a maturidade de nossos povos e o orgulho pela soberania conquistada, quando, a rigor, somos manipulados pelas nações opressoras, assim como os professores autoritários tratam os alunos pouco dotados. Que outra coisa é a presença de tropas americanas no territó-

rio boliviano? Ou as fotografias da posição da frota argentina, tiradas por satélites norte-americanos, cuja entrega aos ingleses pode ter sido um fator decisivo na guerra das Malvinas? Ou a soma de dados sobre a Amazônia brasileira que os norte-americanos possuem — soma de conhecimentos que se acredita ser maior do que se tem aqui no Brasil — e que eles utilizam em seus planos de vergonhosa intromissão? Ou a condenável atitude de Reagan desestabilizando o governo revolucionário da Nicarágua propiciando, assim, o retorno de outro Somoza?

Dizíamos que o grande desafio da história em nossos dias é trabalhar com nossos povos para juntos criarmos os canais por onde deveria correr, em ação libertária, o sangue autêntico de nossos antepassados, sangue indígena — inca, asteca, guarani, maia, matak, tupi e outros — sangue com epopéia heróica, e sangue de imigrantes e suas misturas, com germens de rebeldia a toda dominação colonialista, fundamental para a construção de um estado latino-americano soberano. A soma de nossas debilidades culturais, as quais devemos admitir, seriam superadas com a totalidade de nossa grandeza, herdada de nossos indômitos antepassados.

Para que isto não seja somente um sonho, busquemos áreas concretas de realização. É indiscutível que o Brasil pode — e deve, se assim se quiser — deixar as marcas dessa visão latino-americana na Constituição que será formulada. Os especialistas deverão propor fórmulas que os representantes do povo, na assembléia constituinte, possam promulgar; assim, os novos poderes terão o respaldo necessário para consumir acordos junto aos seus pares dos demais países que possam viabilizar a unidade espiritual e orgânica.

Não podemos ser ingênuos para esperar que o Brasil, de uma hora para outra, se transforme no paladino da nova força que reunirá os povos latino-americanos. Porém o Brasil tem um espaço para ocupar nesta luta, espaço importante onde somente ele pode ser sujeito operante. A nova Constituição deveria, com sua letra mandatória, avaliar a mudança de comportamento tomando iniciativas nos programas de defesa comum da América Latina. O grave problema de nossas dívidas externas deveria ser considerado, por mandato de nossas constituições, como problema comum que requer uma estratégia comum. Nossas constituições deveriam autorizar — mais que autorizar, ordenar — nossos estadistas a unir suas imaginações, sabedorias e astúcias, para o enfrentamento do inimigo de todos, disfarçado de cordeiro paternalista. Nossas constituições deveriam auspiciar a formação do Fundo Comum Latino-Americano. Será isto uma utopia? Poderá, sem dúvidas, ser um sonho unido a ações históricas, se a Assembléia Constituinte, em Brasília, se povoa de quixotes.

Na medida em que os brasileiros, argentinos, peruanos, venezuelanos, nicaraguenses e todos os demais povos, nos comprometamos e solidarizemos com as angústias do povo vizinho como se fossem nossas; na medida em que saibamos fortalecer a frente única na luta aberta, ou sub-reptícia, contra os países imperialistas, iremos conhecendo o que é soberano e independente.

Esperamos que a Constituição brasileira seja um agente para a transformação da América Latina.

H. David Delgado é metodista argentino. e colaborador do CEDI.

A crise da República Dominicana

Maribel C. Guerrero

e
Fidêncio Fabiano Cleto

A República Dominicana reparte com o Haiti a Ilha de São Domingos, que está situada na região do Caribe. Tem uma extensão de 48.422 km² e uma população ao redor de 6 milhões de habitantes, dos quais 71% tem menos de trinta anos.

A economia da República Dominicana é fundamentalmente agroexportadora, sendo a cana de açúcar, o café, o tabaco, o cacau e o algodão os principais produtos. Também há produtos minerais (bauxita, ferro, ouro e prata) explorados em sua maioria por transnacionais, cujos benefícios vão para fora do país.

Seu idioma é o espanhol e sua constituição étnica é mulata (mistura do branco com o negro).

A conjuntura atual da República Dominicana não pode ser entendida fora do que é o marco da intervenção do Fundo Monetário Internacional, a partir de 1984, em cujo plano se traçaram alguns objetivos gerais, entre eles:

- Desvalorização real da moeda.
- Elevação dos preços internos.
- Redução dos gastos correntes.
- Introdução de novas leis impositivas.
- Privatização da economia em detrimento da gestão estatal.

A aplicação concreta dessa política fundomonetarista aprofundou a crise econômica social e política que já vinha se desenvolvendo no país. Esta agudização da crise, reconhecida por todos os setores, se constituiu no tema central da recente campanha eleitoral dos partidos políticos, tanto de direita como de esquerda.

A manifestação dessa crise se observa



em todos os níveis da sociedade. Vejamos, por exemplo, a nível econômico:

— O país passou a ser de exportador a importador de alimentos. Há apenas quinze anos ainda exportava arroz, feijão e outros produtos agrícolas.

— A dívida externa passou de 1,2 bilhões de dólares em 1978, a mais de 4 bilhões em 1986. Mais da terça parte da produção nacional esteve destinada em 1985 ao pagamento da dívida.

— Os principais indicadores econômicos, como balanço de pagamento e comercial, reservas internacionais, etc., estão registrando saldos negativos. Esta situação se agravou sensivelmente com a queda dos preços do açúcar, principal produtos de ex-

portação no mercado mundial, e com a redução da quota açucareira no mercado preferencial dos Estados Unidos.

— Estancamento da produção agrícola por aumento do custo dos insumos e de novos impostos, entre outros fatores. A produção nacional decaiu em 0,2% em 1984 e em 1,2% em 1985.

— A inflação disparou em redor de 300% entre 1983 e 1986, manifestando-se uma perda do poder aquisitivo real do peso dominicano e a redução do salário real dos trabalhadores. Os setores populares têm sido sensivelmente prejudicados por esta situação.

— O FMI e o governo têm desenvolvido uma política de aumento dos impostos que recai fundamentalmente sobre os setores



Área: 48.422 Km²

População: 6.100.000 (est. 1984)

Capital: San Domingos

Analfabetismo: 33%

Dívida externa: 2.850 milhões de dólares (1984)



populares. Somente 19% do total de impostos são diretos; o restante, 81%, são impostos indiretos.

— Da política econômica implementada, os grandes beneficiários têm sido o setor financeiro (ligado ao capital internacional) com ramificações na agroindústria, como na comunicação e o turismo. Em conjunto, cresceram mais de 15% entre 1984-1985, nos momentos mais agudos do retrocesso econômico.

É bom ressaltar que a insatisfação de novas agroindústrias está muito relacionada com a concentração da terra em mãos da burguesia agrária. Em nome do progresso e do desenvolvimento, as 175 agroindústrias que existem no país têm expulsado mais de 25 mil famílias camponesas de suas terras.

A nível social, a crise se expressa no agravamento das dificuldades de sobrevivência da maioria dos dominicanos. Mais de 75% da população não tem acesso aos serviços básicos: alimentação, educação, saúde, trabalho, habitação, etc.

Os setores populares têm sido duramente golpeados, reduzindo-se o seu nível de vida, uns abaixo do limite de subsistência, outros reduzidos ao próprio limite de subsistência.

— O consumo de alimentos pela população está baixando desde 1983, o que se manifesta no aumento da desnutrição, que segundo dados oficiais se duplicou nas últimas décadas originando enfermidades infecto-contagiosas, sendo a infância o setor mais afetado. Segundo a saúde pública, há em torno de 500 mil dominicanos que têm o bacilo da tuberculose, o que nos converte no terceiro país do mundo em tuberculose. Desta

enfermidade morrem dez crianças por dia em nosso país.

— Uma das conseqüências mais graves da política fundomonetarista é o aumento do desemprego. Dados oficiais indicam que este acende a 27%, ao que deve somar-se o subemprego que está em torno de 43%. Em resumo, de cada dez dominicanos em idade de trabalho, sete não têm emprego ou não têm trabalho fixo.

— Os serviços de saúde têm sido um dos mais afetados nessa conjuntura. Os hospitais estatais não têm material nem sequer para prestar um serviço de emergência. No total de 22, os hospitais estatais têm reduzido seus serviços e funções em situação crítica pela falta de recursos e materiais necessários.

— A situação do transporte não é menos deprimente. O setor privado impõe ao Estado as condições para manter o serviço, e o governo não pode dar um serviço nem sequer minimamente eficiente. A Oficina Nacional de Transportes (Onatrate) tem menos de 15% de toda sua frota operando.

— De acordo com as atuais necessidades habitacionais do povo dominicano, o déficit atual é de 62 mil moradias por ano. É bom aclarar que para as estatísticas oficiais se considera casas existentes as de cartão, sem água, luz, nem serviços básicos, que são a maioria nos bairros e no campo.

— Os serviços educativos também têm sido grandemente afetados pela crise. No ano passado, mais de meio milhão de crianças em idade escolar ficaram sem escolas. A maioria das escolas estão em deterioração física e carecem de materiais didáticos básicos.

Crise política

Desde a ascensão ao poder, em agosto de 1982, do "Governo de Concentração Nacional", dirigido por Salvador Jorge Blanco, até princípios de 1984, dois setores dominantes criaram um consenso de colaboração com o governo para implementar as medidas do Fundo, como a única saída para a recuperação econômica do país, e desse modo consolidar a hegemonia frente às possíveis reações do movimento popular.

Esse consenso hegemônico se quebrou em abril de 84, quando, a partir das primeiras medidas tomadas pelo governo, houve um estouro de protestos populares em todo o país, que foi reprimido com a maior violência que se conheceu no país nos últimos anos: em apenas três dias foram assassinadas mais de cem pessoas. O governo fechou vários meios de comunicação que transmitiam informações.

A partir deste momento, as manifestações da crise a nível político não se têm feito esperar. Em primeiro lugar, cabe ressaltar a frequência e a intensidade com que se tem desenvolvido os protestos, entre eles passeatas, greves, manifestações, marchas, piquetes, ocupações de igrejas e instituições estatais, "invasões" de terra, etc.

Outro aspecto da crise política dominicana é a ausência de direção, tanto a nível dos setores dominantes, quanto dentro dos setores populares. Estes estão perdendo a confiança dos partidos do sistema para a solução da crise. Os partidos de direita não se vêem como canalizadores do descontentamento popular. Tampouco a esquerda se apresenta como alternativa à crise atual.

A burguesia não tem uma posição de consenso, e o Estado está perdendo legitimidade, pois para garantir a ordem institucional

há uma crescente repressão política e uma militarização das principais áreas do Estado.

É nesse cenário político que se desenvolvem as recentes eleições gerais, caracterizadas pela intensidade da luta política e pela violência entre os partidos majoritários, principalmente o Partido Revolucionário Dominicano (no poder) e o Partido Reformista Social Cristão (oposição), o qual finalmente ganhou os comícios eleitorais com Joaquim Balaguer. Este já havia governado o país entre 1966 e 1978, caracterizando-se o seu governo por uma grande repressão.

Que papel tem jogado a Igreja nesta conjuntura?

Cremos que é preciso distinguir entre a Igreja popular e a hierarquia da Igreja. A Igreja popular é parte do povo e luta junto com ela por suas reivindicações. Por sua parte, a hierarquia da Igreja joga no papel de mediadora e mediatiza a crise e a luta popular. Em abril de 1984, logo após a violenta repressão com mais de cem mortos, ela buscou a união de todos os líderes políticos para que implorassem pela paz e a reconciliação nacional.

Desde meados de 1985, seguindo sua linha de harmonizar os conflitos, buscar que os problemas sejam resolvidos pelo diálogo e a conciliação entre os que se enfrentam, a alta hierarquia da Igreja vem insistindo que todos os possíveis conflitos devem ser ponderados e evitados pelos líderes políticos.

Todos os bispos e a Conferência Episcopal em forma conjunta propuseram várias vezes neste ano que as eleições teriam que ser realizadas exemplarmente, sem criar mais ódio nem violência, tratando de contribuir com soluções no sentido da justiça e da equidade. Suas propostas, em sentido geral, situaram-se dentro da lei e das normas do sistema, e como eles mesmos afirmaram várias vezes, seu trabalho era um reforço positivo à bondade do estado de coisas.

Devido a violência que havia caracterizado a campanha e para garantir a pureza das comissões eleitorais, se formou a chamada Comissão de Assessores Eleitorais, cujo presidente foi o monsenhor Nicolás de Jesús López, arcebispo de São Domingos. Esta comissão jogou um papel importante no processo eleitoral e deu garantias às Forças Armadas e à burguesia de que haveria um certo controle positivo do processo.

Perspectivas

Ao assumir a presidência da República, em 16 de agosto passado, em seu discurso inaugural, Joaquim Balaguer disse: "A liberdade é como o alimento que se pode prescindir dele por algum tempo; a ordem é co-

mo o oxigênio que não se pode viver sem ele". Já em abril havia dito: "Todo o que se afina nos sentimentos populares é tão frágil como as construções que se levantam sobre a areia."

Essas duas frases evidenciam que a solução da crise que vive o país não será a curto prazo e que o povo seguirá suportando sobre suas costas o agravamento das suas condições de vida. Os protestos populares aparecerão e a repressão não se fará esperar.

O desafio, agora, é a consolidação do mo-

vimento popular, que ainda débil e disperso, está abrindo caminhos.

Fidêncio Fabiano Cleto é agente de pastoral, leigo, católico, na República Dominicana.

Maribel C. Guerrero é engenheira química e trabalha com educação popular no Centro de Promoção João 23, em Yaguata, República Dominicana.

Assine a Revista

tempo e presença

Publicação mensal do CEDI, com temas da atualidade analisados na perspectiva do ecumenismo comprometido com os movimentos populares.

Assinatura anual:

Cz\$ 50,00 ☐

Assinatura de apoio:

Cz\$ 100,00 ☐

América Latina: US\$ 30

América do Norte: US\$ 40

Europa, África e Ásia: US\$ 45

**Fazendo uma assinatura de apoio
você recebe de brinde
um exemplar dos Cadernos do CEDI.**

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

CEP: _____

Est.: _____

Telefone: _____

Profissão: _____

Idade: _____

**Faça sua assinatura através de cheque nominal para o CEDI —
Centro Ecumênico de Documentação e Informação — Av.
Higienópolis, 983 — 01238 — São Paulo — SP.**

Assine o Boletim

Aconteceu

Publicação semanal com um resumo das principais notícias veiculadas pelos órgãos de imprensa do país.

Assinatura anual Cz\$ 30,00

América Latina: US\$ 50

América do Norte: US\$ 65

Europa, África e Ásia: US\$ 75

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

CEP: _____

Est.: _____

Telefone: _____

Profissão: _____

Idade: _____

**Faça a sua assinatura através de cheque nominal para o
CEDI — Centro Ecumênico de Documentação e Informação
Rua Cosme Velho, 98 — fundos — CEP 22241
Rio de Janeiro — RJ.**

fotos: Arquivo



Um passo seguro do movimento ecumênico.

Consultas sobre movimentos religiosos contemporâneos

João Batista Nunes

Há pouco mais de um ano, o bispo metodista argentino Federico Pagura, presidente do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai), imaginou reunir bispos e pastores, católicos e protestantes, a nível de América Latina e Caribe, para discutir o tema dos movimentos religiosos contemporâneos. A idéia cresceu, tomou corpo e se concretizou sob o auspício do Clai, da Conferência de Igrejas do Caribe e da Conferência Episcopal Equatoriana, de 4 a 10 de novembro, em Cuenca, a 410 km ao sul de Quito, capital do Equador.

Foi um momento inesquecível, emo-

** Publicamos neste número um encarte especial com o documento final desta conferência.*

cionante e esperançador. Inesquecível porque marcou o encontro de bispos católicos e protestantes num clima de fraternidade, respeito mútuo e profunda seriedade para tratar de tema tão delicado. Emocionante porque tanto no ato litúrgico de abertura como no de encerramento, houve uma impressionante participação do povo da cidade, e, entre bispos e pastores, um clima poucas vezes visto. "Ao ver uma coisa como essa, eu consigo enxergar um sinal visível de paz para o mundo", comentava um jornalista de televisão, enquanto gravava as imagens do "abraço da paz" que os participantes da 1ª Consulta Ecumênica sobre Movimentos Religiosos Contemporâneos trocavam no altar da Catedral de Cuenca. Esperançador porque a consulta marcou um momento crucial em termos de ecumenismo da América

Latina: tratar uma questão comum entre católicos e protestantes já era em si um passo adiante; mas a reunião foi além da mera discussão de um tema. Foi um ponto de encontro onde monsenhores, bispos, pastores e presidentes de igrejas, literalmente se desarmaram, se olharam uns nos olhos dos outros, se reconheceram, se identificaram como crentes de uma mesma fé, como pastores de um mesmo rebanho e como seguidores de um mesmo Senhor. A citação bíblica não é romântica, nem metafórica.

O clima que se viveu na consulta era o espelho desse sonho de unidade, tão distante, que às vezes foi encarado como impossível. Essa sensação ficou patente quando o monsenhor Marcos MacGrath, do Panamá, pediu para falar



Momento da celebração de encerramento na catedral de Cuenca.

no final do ato litúrgico de encerramento e disse: "A partir deste momento, Cuenca será uma referência inevitável no movimento ecumênico mundial. O que sucedeu aqui está muito além de todas as nossas expectativas". Claro está que os setenta participantes (bispos, pastores e expositores) da América Latina e Caribe não saíram de Cuenca iludidos, pensando que o clima da consulta possa ser o termômetro ecumênico em nosso continente. É comum experimentar a mesma sensação de Moisés ao descer o Monte Sinai, por isso, é temeroso avaliar resultados apenas um ou dois dias depois de uma experiência como essa. Da mesma forma, é perigoso imaginar que as comunidades locais possam viver, ainda que em dose mínima, a experiência ecumênica de Cuen-

ca. Não será obviamente assim. Mas a palavra dita em todos os corredores do grande convento que nos abrigou durante os sete dias era: "Foi um grande passo. É necessário saber manter o que se conseguiu e lutar para continuar a caminhada".

O fruto concreto da consulta foi um comunicado oficial (publicado como encarte desta edição) em que se recolheu as diversas apresentações dos expositores e as deliberações dos grupos divididos em regiões: Caribe, América Central, Região Andina, Cone Sul e Brasil. O documento se justifica: "Não nos reunimos para ser juízes dos movimentos religiosos contemporâneos, mas principalmente com o propósito de deixar-nos questionar por nosso povo,

desafiado pelo fenômeno desses grupos". Depois situa a igreja atualmente dentro do seu contexto latino-americano marcado por "miséria e injustiça" para em seguida juntar os pontos teológicos comuns a católicos e às Igrejas protestantes históricas, e então apresentar algumas opções pastorais.

Vale dizer que a metodologia utilizada para a consulta foi a de particularizar as experiências antes de chegar a uma visão geral. Os bispos e pastores foram motivados a contar suas experiências pessoais com os grupos das denominadas "seitas", para depois compartilhar com seus colegas de região, e cujas conclusões foram apresentadas ao plenário. Mais tarde, vieram as exposições, das quais a mais contundente foi sobre a conjuntura sócio-político-econômica da América Latina. Uma contribuição definitiva para entender toda a problemática que vive os povos do nosso continente e, por inferência, entender a penetração dos movimentos religiosos contemporâneos.

O Espírito do documento — e, de certa forma, da própria reunião — foi resumido desta maneira pelo secretário geral do Clai, pastor Felipe Adolf: "Todos somos responsáveis pelo comunicado. Ele nasceu num ambiente de fraternidade, de confiança, de profunda reflexão e de respeito.

João Batista Nunes jornalista e secretário de comunicações do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai).

II ASSEMBLÉIA GERAL DO CONSELHO LATINO AMERICANO DE IGREJAS

Indaiatuba (Itaici), SP-Brasil, 28 de outubro a 2 de novembro de 1988

Tema: IGREJA: A CAMINHO DE UMA ESPERANÇA SOLIDÁRIA



Identidade negra e religião

Marcos Rodrigues da Silva

A busca de sua identidade é uma exigência que impõe-se ao negro diante da constatação de injustiça vivida ao longo da sua história. O conteúdo deste livro, resultado da Consulta sobre Cultura Negra e Teologia na América Latina, procura situar o leitor quanto às diferenças que a identidade do negro encerra quando tocamos nas culturas nacionais. Quando negamos esta realidade significa que não percebemos uma América Latina pluriétnica e pluricultural. A variante de povos e nações espalhadas na América Latina e Caribe tem um marco predominante de negritude e se manifesta quantitativa e qualitativamente em áreas bem definidas.

A família negra, na sua maioria, vive a prática religiosa cristã mesclada de suas tradições religiosas afro e as próprias religiões afro. A criança negra diante dos limites de atenção dados pelos pais que são escravizados pelo trabalho, estão condenadas a um tipo de vida marcada pela ignorância do saber e a eterna necessidade de ter o bem necessário para a sua sobrevivência. Por último, está a realidade vivida neste contexto pela mulher negra. Ela que é o sujeito marcante de todo este véu de sofrimentos e discriminações, ainda

que, sobre ela mesma sejam colocados chavões de discriminação enquanto mulher.

Quando a Teologia da Libertação se define como um compromisso real e concreto de opção pelos pobres, não poderia deixar de estar sensível às diversas situações que vivem a comunidade negra da América Latina e Caribe. A questão negra, do ponto de vista teológico, exige o enegrecimento da teologia, ou seja, que tenha sempre em destaque as situações concretas de opressão, discriminação e racismo que vive a comunidade negra.

É uma nova cosmovisão que deve ser alimentada.

Outro tema abordado na consulta é o sincretismo afro-americano. O estudo sobre o Sagrado, Deus e as práticas do sincretismo apontam a novos conceitos e novas relações de diálogo religioso. Para se entender Deus na comunidade afro-americana é necessário compreendê-lo numa trilogia: Deus, os espíritos e os antepassados.

Na segunda parte do livro é apresentada a agenda anotada para a consulta que precisa o objetivo central deste trabalho — "o papel que uma instituição como a Igreja desempenhou na sujeição e dominação do setor afro-latino-americano. Com esta avaliação preten-

Identidade Negra e Religião - Consulta sobre cultura negra e teologia na América Latina

Associação Eclética de Teólogos do Terceiro Mundo (Aset), CEDI/Edições Liberdade, 1986, 201 p., Cz\$ 90,00.



demos deduzir as alternativas que se "re-situem", uma perspectiva diferente, o papel atual que cabe à Igreja nas tarefas de justiça social aos povos". (MaLoney).

A terceira e última parte, traz as conferências apresentadas na consulta, onde cada expositor aprofunda os tópicos que norteiam esse tema de negritude.

A leitura deste livro poderá proporcionar àqueles que estejam comprometidos com essa causa, de terem um material de pesquisa e subsídios, tendo sempre a perspectiva de um projeto de libertação e de diálogo junto à teologia, à luz dos pobres.

Servos Livres

José Bittencourt Filho

Os quatro capítulos que compõem a obra, o autor explora a questão dos desafios missionários que se colocam para as Igrejas evangélicas neste final de século. Trata-se de uma adaptação do primeiro capítulo da tese de doutoramento de Emílio Castro, esboçado das marcas acadêmicas. Daí, sua penetração e acessibilidade a todos que lidam na linha de frente da prática pastoral e evangelizadora.

A categoria *Reino de Deus* informa todo o conteúdo do livro, como um elemento permanente que atravessa todas as reflexões. Com efeito, tal categoria adquire nova dimensão a partir das lutas concretas dos cristãos terceiro-mundistas, contra todas as formas de opressão causada pela ação das forças anti-Reino.

A originalidade da obra, porém, reside no trato da questão da *missão* em sintonia com a imprescindível unidade dos cristãos. Tal unidade não é vista apenas como uma categoria abstrata,

mas presente nos esforços concretos que o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) com suas centenas de igrejas filiadas e pertencentes a todos os quadrantes do mundo, vem realizando.

O autor demonstra como a reflexão realizada nas assembleias que o Conselho promove a cada sete anos, segue uma trajetória ascendente de conciliação entre *missão* e *unidade*, tendo o Reino como horizonte. Outrossim, Emílio Castro desvanece imagens equivocadas e preconceituosas quanto aos objetivos do CMI, que lamentavelmente têm sido disseminados amplamente nos ambientes evangélicos latino-americanos, pelos interesses conservadores e reacionários.

Emílio Castro consegue também precisar o alcance e o âmbito da expressão *Reino de Deus*, como elemento fundamental da linguagem religiosa e teológica do Cristianismo, na medida que o relaciona com as situações concretas nas quais vivem as maiorias empobrecidas dos países periféricos.

Servos Livres - Missão e unidade na perspectiva do Reino

Emílio Castro, Coleção Protestantismo e Libertação, CEDI/Edições Liberdade, 1986, 130 p., Cz\$ 50,00.



Por outro lado, o autor explora de maneira magistral o tema da *livre servidão* daqueles que possuem o dever maior de proclamar o Reino, no clima da plena liberdade dos filhos de Deus.

De forma didática, o texto apresenta uma temática abrangente e de grande profundidade, que torna muito agradável a leitura do livro, que retoma e reinaugura o debate em torno de um tema complexo, marcado pelas paixões denominacionais.

Queremos paz na Terra da Santa Cruz

*dom Mauro Morelli, bispo
em Duque de Caxias
e São João do Meriti, RJ.*

"Paz na Terra da Santa Cruz" é o grito do povo de nossa terra sofrendo toda sorte de violência.

A violência que destrói a vida e atemoriza todo mundo, em nossos dias, foi o grande tema da campanha política que precedeu as últimas eleições.

Quanta demagogia, superficialidade e mediocridade no trato de um problema tão grave. As soluções apontadas passam quase todas pelo caminho da morte.

Em Jesus Cristo tudo fala da vida. Nasceu no seio da família humana despojado de toda grandeza, a fim de que todos tenham vida e vida sempre mais abundante e plena.

Queremos soluções que percorram os caminhos da vida. Buscamos soluções que atinjam as sementes, e raízes ou matrizes da violência.

Não podemos desejar a diminuição ou a superação da violência limitando a nossa preocupação e a nossa ação ao "combate" dos efeitos ou das manifestações periféricas da violência.

O que colhemos nas ruas e praças são os frutos podres de uma árvore má.

Sem condições dignas do ser humano; sem educação para a vida; sem justiça nas relações sociais e sem fraternidade, nunca conheceremos a paz.

Queremos vida na terra!

Queremos paz na Terra da Santa Cruz.

Não teremos vida na terra brasileira sem que haja mudança no eixo de nossa sociedade. Enquanto os investimentos e a fome de lucro regerem a sociedade nas suas relações, transações e negócios, veremos os mais fortes e espertos exploradores, esmagando e marginalizando os mais fracos e pequenos.

A paz não habita na cidade da competição. A paz é fruto da cidade iluminada pela solidariedade que promove a vida, levanta o caído e reparte o pão.

A grande violência na Terra da Santa Cruz se encontra exaltada em nossa própria bandeira.

"Ordem e Progresso" tem sido o lema iníquo do desenvolvimento imposto à nação e que, esmagando o povo, transformou o Brasil em décima potência econômica do mundo.

A solução dos problemas da violência passa pela opção, pelo menor e pelo mais fraco. A paz exige reparação às nações indígenas e cidadania ao povo de raça negra!

A paz na Terra da Santa Cruz clama por reforma e reconhecimento da dignidade dos trabalhadores do campo e da cidade.

A paz proclama que o homem é maior do que as leis; que o Estado não pode esmagar a nação.

A paz significa vida para todos, cidadania plena!

A paz que buscamos está representada na figura de uma praça onde brincam as crianças, acompanhadas pelo sorriso dos olhos dos velhinhos.

A paz — proclamamos na fé do Evangelho — é um dom do céu e uma tarefa do povo na terra.

Busquemos a paz pelos caminhos da vida. Oremos pela paz.

Com um abraço de irmão, amigo e pastor, desejo-lhes paz e bem no Senhor Jesus, neste Natal e em cada dia do Ano Novo.

João Roberto Ripper/F4



Movimentos religiosos contemporâneos

**Comunicado da Consulta de Bispos da
América Latina e Caribe**

Encarte de **Tempo e Presença** nº 215
Centro Ecumênico de Documentação e Informação

Apresentação

As novas expressões religiosas na América Latina e no Caribe têm tido forte crescimento nos últimos anos. Correspondem a fenômeno complexo que merece estudo e reflexão cuidadosa. Não podem ser reduzidos a interpretações simplistas e superficiais.

As igrejas, sabendo da importância dessa presença no processo religioso e social de nosso continente, resolveram promover um encontro de estudo para compreender o seu real significado e os desafios que esses movimentos apresentam. Esse evento foi patrocinado pelo Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai), pela Conferência Cristã do Caribe (CCC) e pela Conferência Episcopal do Equador, contando com representação do Vaticano, Conselho Mundial de Igrejas e do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs dos Estados Unidos. Realizou-se em Cuenca, Equador, de 4 a 10 de novembro de 1986.

O documento que estamos publicando é resultado desse encontro, o qual sem esgotar o assunto já apresenta algumas pistas interessantes de trabalho e reflexão.

“Tempo e Presença”

Centro Ecumênico de Documentação e Informação - CEDI

Os Movimentos Religiosos Contemporâneos e seu desafio

“Mantenham entre vocês laços de paz, e permaneçam unidos no mesmo espírito. Sejam um corpo e um espírito, pois ao serem chamados por Deus todos receberam a mesma esperança (Efésios 4,3-6)”.

Unidos pela fé em Jesus Cristo, o Senhor, e alentados pelo amor do Pai e a força do Espírito Santo, bispos, presbíteros, pastores e especialistas em ciências da religião e sociais, de várias igrejas cristãs, participamos, em um clima de fé, oração e fraternidade, da Primeira Consulta de Bispos e Pastores da América Latina e do Caribe, que se celebrou no Seminário Diocesano de Cuenca, Equador, de 4 a 10 de novembro de 1986.

O tema da consulta foi “Os Movimentos Religiosos Contemporâneos e seu desafio a nossas Igrejas”.

Este evento eclesial foi auspiciado pela Conferência Episcopal Equatoriana (Diocese de Cuenca), pelo Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai) e pela Conferência de Igrejas do Caribe (CCC).

Estivemos reunidos, principalmente, com o ânimo de nos deixar questionar pelo nosso povo desafiado pelo fenômeno dos movimentos religiosos contemporâneos e não com o propósito de nos colocarmos como juízes desses movimentos.

Oferecemos estas conclusões ao nosso povo crente, para que este nos ajude a renovar nossas igrejas, animando-as e fazendo-as mais ativas na promoção espiritual e material de todos nossos irmãos e irmãs.

Expressamos nosso desejo de que se realizem posteriormente consultas como esta, para que se estreitem laços de união entre as igrejas cristãs e sejamos todos testemunhas do amor que o Senhor nos dá a todos os homens e mulheres.

I — DESAFIOS

Introdução

Os bispos, presbíteros, pastores e assessores aqui reunidos, descobrimos que o desafio principal não vem em primeiro lugar da existência dos Movimentos Religiosos Contemporâneos (MRC), senão da realidade concreta que vive nosso povo. Realidade de um povo pobre e religioso que busca sua libertação.

A situação de pobreza e injustiça em que vive este povo se expressa em todas as dimensões da vida: econômica, política, social, do trabalho, cultural, religiosa... situações de marginalização racial, lingüística, da mulher, dos jovens, dos anciãos, etc.

Falamos especificamente dos pobres e marginalizados porque são os que mais sofrem e evidenciam esta situação de exploração, opressão e dependência do conjunto da sociedade.

É neste contexto, onde encontramos os Movimentos Religiosos Contemporâneos que, oferecendo falsas respostas à busca religiosa do povo, entravam suas aspirações e esforços por viver sua fé e construir sua libertação integral.

Entre estes movimentos temos que distinguir alguns que são cristãos, outros para-cristãos e outros não-cristãos. Neles, e particularmente nos cristãos, aparecem aspectos positivos, tais como a acolhida e preocupação com as pessoas, um culto alegre e participado, etc. Sua conduta caracteriza-se principalmente por:

- uma espiritualidade desencarnada da vida, com um anúncio de salvação somente escatológica que torna inútil todo compromisso histórico;

- a instrumentalização da Bíblia a partir de uma perspectiva fundamentalista, reducionista e arbitrária;

- às vezes, com uma aparente valorização da cultura e linguagem do povo, transmitem valores culturais estranhos ao nosso povo, construindo dependência e contrários aos interesses das maiorias empobrecidas;

- existem instituições que instrumentalizam a religião e se tornam cúmplices de um projeto de opressão e colonialismo, que muitas vezes chegam ao etnocídio. Apesar disso, seus trabalhos missionários, científicos e humanitários se apresentam como apoio ao povo;

- Alguns desses movimentos utilizam um discurso enganoso, abusam da experiência emocional fanatizando até atentar contra a saúde mental, tornando as pessoas muitas vezes em anti-sociais.

Dimensão sócio política

a) A partir da realidade de pobreza e injustiça da América Latina e Caribe

A realidade latino-americana de injustiça, exploração, miséria das grandes maiorias, fome, enfermidade, analfabetismo, violência, morte, não-vida... supõe em si mesma o grande desafio para os cristãos do continente.

A situação de injustiça e exploração em que vivem as grandes maiorias da América Latina e Caribe, é produzida por políticas que respondem a interesses imperialistas das grandes potências, com a cumplicidade de grupos de poder nacionais. De modo especial, sente-se esta situação hoje no endividamento geral e crescente da América Latina e do Caribe.

Em uma sociedade dominada pelo homem, não se tem permitido à mulher desempenhar o pleno papel que lhe corresponde na sociedade e na igreja.

b) A partir da política

Observa-se o uso ideológico dos valores religiosos para fins políticos e partidários com a utilização da linguagem religiosa e para acusar de comunismo qualquer gesto de compromisso com os pobres, etc.

c) A partir dos novos movimentos religiosos contemporâneos

Os Movimentos Religiosos Contemporâneos têm profundas implicações e interesses políticos debaixo de uma aparente postura apolítica.

Esses movimentos promovem conformismo ante a situação de injustiça e miséria que vive o povo.

Muitas vezes, os Movimentos Religiosos Contemporâneos dividem as comunidades, destroem as culturas dos povos.

A invasão dos Movimentos Religiosos Contemporâneos através dos meios de comunicação social, propondo um modelo de sociedade e de religião importada dos Estados Unidos, que resulta a miúdo alheia e contrária aos valores do povo.

A avalanche agressiva dos Movimentos Religiosos Contemporâneos.

Dimensão antropológica

a) A partir das necessidades do homem

As atuais estruturas da sociedade geram um sentimento de solidão e anonimato que impedem o reconhecimento pleno da pessoa humana, atenção que merecem seus problemas e ao seu desejo de pertencer a uma comunidade.

A falta de identidade provocada pela migração do campo à cidade e a conseqüente perda dos próprios valores é um fato inquestionável.

Constata-se a desestabilização de comunidades, famílias e indivíduos, provocadas pelo sofrimento e tensões que comportam os efeitos da crise econômica.

b) A partir da cultura

Há falta de conhecimento mais profundo das culturas dos diferentes grupos étnicos da América Latina e Caribe que permita compreender as formas próprias de expressar sua vivência religiosa.

Observa-se a transnacionalização alienante da cultura norte-americana que se efetua através dos Movimentos Religiosos Contemporâneo.

Dimensão teológico-pastoral

a) A partir da opção pelos pobres

O povo latino-americano e caribenho é fundamentalmente um povo pobre e crente.

A opção pelos pobres é uma exigência evangélica às nossas igrejas.

Cristo se faz presente nos rostos sofridos do povo pobre.

Os pobres devem ocupar um lugar central e preferencial em nossas análises e conhecimento da realidade.

b) A partir das igrejas

Não se pode desconhecer a fé dos povos indígenas como revelação do plano de Deus, de seu projeto e de sua própria palavra.

Há uma exigência de proclamar o evangelho de tal modo que seja acessível ao povo pobre e simples, para que o possa assumir e proclamar com seus próprios meios.

Nossas igrejas deveriam promover comunidades cristãs que possibilitem uma vivência personalizada da fé.

A experiência de conversão, pessoal e comunitária, deve ser um processo de amadurecimento da fé que acompanha toda a vida.

Em certas igrejas existe uma ausência de vida no culto, devido à excessiva racionalidade e frieza de nossas expressões de fé e celebrações litúrgicas.

Dentro de nossas igrejas existem, às vezes, preconceitos culturais e raciais que impedem que alguns de

seus membros tenham acesso aos ministérios que a comunidade necessita para seu crescimento e desenvolvimento.

Alguns movimentos religiosos contemporâneos apresentam uma imagem distorcida das igrejas e da mensagem cristã, com clara finalidade proselitista.

c) A partir do ecumenismo

A necessidade de dialogar com outras igrejas e com os Movimentos Religiosos Contemporâneos exige de nossa parte a recuperação de nossa própria história e de nossa identidade como igreja.

A experiência de oração, o compromisso social e o serviço à comunidade são um lugar comum que possibilita o avanço do ecumenismo não só a nível dos responsáveis das igrejas, como também a nível das bases das próprias igrejas.

Uma questão que se levanta é como estar abertos frente aos movimentos religiosos contemporâneos e entrar em diálogo com eles, apesar de sua agressividade, sem que se veja afetado nossa própria fé na igreja que pertencemos.

Constata-se a exigência de uma formação ecumênica em nossas próprias igrejas em todos os seus níveis.

Pergunta-se como apresentar um conceito de Deus de tal forma que possa ser plataforma para o diálogo com os Movimentos Religiosos Contemporâneos.

Necessita-se superar as atitudes defensivas frente aos Movimentos Religiosos Contemporâneos, que porventura tenham sido criadas pela agressividade desses movimentos, em vistas a se possibilitar um diálogo fecundo com eles.

II — REFLEXÃO TEOLÓGICA

Frente aos desafios que procedem da realidade de pobreza e opressão que vivem nossos países, e frente ao desafio dos Movimentos Religiosos Contemporâneos, sentimos na obrigação urgente de aprofundar nossa reflexão à luz da fé diante desses fatos.

A realidade de pobreza e opressão da América Latina e Caribe, devida a estruturas injustas, se mostra à luz da fé como uma situação de pecado, pessoal e coletivo. Não podemos deixar de denunciar, em união com nossas igrejas, esse estado de iniquidade, que nos chama

a uma conversão pessoal e comunitária. Por outro lado, reconhecemos a presença de Deus na fé de nosso povo, em sua capacidade de resistência em situações subumanas, nesse forte clamor de protesto contra as injustiças, nos seus esforços de promover sua libertação integral e em todos os gestos de amor e serviço que o distinguem. Sentimos que no nosso povo latino-americano e caribenho há uma reserva de esperança, que o impulsiona a lutar com firmeza e alegria contra as forças poderosas do mal, sustentado pelo Deus Pai, que nos revelou Jesus Cristo, forte e solidário com os pobres e oprimidos.

Recordamos também os últimos documentos de nossas respectivas igrejas que, em múltiplas ocasiões, têm expressado sob a perspectiva da fé, suas posições sobre esta realidade.

Sem querer acrescentar muito sobre o tema, queremos explicitar nossa fé ante o motivo que nos têm reunido nesta consulta ecumênica.

Reconhecendo situações de confronto com os movimentos religiosos contemporâneos, torna-se cada vez mais necessário que nossas igrejas históricas tratem de aprofundar o que possuem em comum, que é mais importante que aquilo que as diferencia.

O conhecimento desse núcleo comum da fé, que estudam e propõem nossas comissões teológicas em suas consultas mútuas, se vive mais claramente em momentos de fé compartilhada entre membros de diferentes igrejas.

Entretanto, nossa fé e nossa prática religiosa exigem a apropriação adequada de alguns conceitos fundamentais, que nos permitem não só viver a experiência cotidiana, senão também distinguir o que sabemos e para enfrentar os desafios que vêm dos Movimentos Religiosos Contemporâneos, não só através do contacto pessoal como através dos meios de comunicação social.

A diversidade, não somente numérica, senão também teológica e filosófica, dos Movimentos Religiosos Contemporâneos, oferece uma grande dificuldade de análise para detectar o núcleo comum de crenças desses grupos. Uma rápida observação da mensagem religiosa que apresentam, ainda que seja superficial, nos mostra, com relativa facilidade, a distância que existe entre suas crenças e o núcleo comum da fé cristã que caracterizam nossas igrejas.

Núcleo comum das igrejas históricas

Tentaremos estabelecer o que as igrejas cristãs histó-

ricas têm em comum quanto à tradição teológica:

O primeiro elemento fundamental é a centralidade de Jesus Cristo, como Deus encarnado, e por isso presente na vida dos cristãos e da Igreja. O Deus Pai (Abba) revelado em Cristo, é transcendente e totalmente outro e, por isso, pode manter com seus filhos uma relação de amor paternal, dentro da qual se expressa a história da salvação.

Esta ação de Deus em Cristo é uma graça universal que se estende a todos os homens, superando os limites humanos do que entendemos por Igreja. Deus não é, portanto, propriedade exclusiva, nem objeto de manipulação deste ou aquele grupo de pessoas. Por outro lado, um dos componentes mais gratos à nossa fé cristã, que é a esperança da segunda vinda de Cristo, não está sujeito às leis do tempo. Não é importante colocar a ênfase na época em que Ele há de vir, senão na forma deste acontecimento glorioso, como nos indicam os textos apocalípticos do Evangelho.

A história da salvação é um projeto de Deus, que se atualiza no Reino, não como um evento a-histórico previsto para depois do "eschaton", senão como um projeto que se cumpre em Jesus Cristo — encarnação, morte e ressurreição - e na irrupção do Espírito.

Já estamos vivendo o Reino, não na plenitude, senão em suas primícias, como disse o apóstolo Paulo. Nisto consiste a alegria de ser cristão e estar comprometido com o Evangelho.

Esta alegria não é passiva, senão a alegria de quem espera e, ao mesmo tempo, participa como colaborador de Jesus Cristo na construção do Reino. O ato de colaboração com Deus se expressa, por outra parte, na Igreja, através dos ministérios, do culto, da oração e do anúncio da Boa Nova do Reino.

Outro elemento do núcleo comum das igrejas históricas se refere ao uso da Bíblia. Esta tem um profundo sentido histórico, porque nasceu no seio da comunidade dos crentes. Deus se expressa na Bíblia enquanto se expressa antes na história. A história converge em direção a Cristo, e, portanto, Cristo é a chave da interpretação da Bíblia. Por conseguinte, uma interpretação correta da Bíblia requer uma leitura dentro da dinâmica em que surgir: no contexto comunitário, na perspectiva histórica-evolutiva e na abertura à consumação em Cristo. Tal leitura exige, ainda, a dialética entre o rigor exegetico e a espontaneidade da fé, (o Pai se revela aos simples. Mt 11,25-27).

Nos Movimentos Religiosos Contemporâneos não en-

contramos esta centralidade de Jesus Cristo. Ao contrário, em muitos deles ocupa uma posição secundária e, às vezes, nula. Nos grupos de origem oriental, Jesus Cristo está totalmente ausente. Por outro lado, a perda da noção de transcendência, que se dá em muitos destes movimentos, faz com que Deus seja objeto de manipulação. A perda da paternidade de Deus faz com que resulte, com frequência, em um elemento de temor. A certeza consoladora do Reino de Deus, que já começou, está ausente na plenitude, sendo substituído pela espera de uma segunda vinda iminente no tempo. Sendo assim, o temor substitui à alegre esperança.

O significado da Bíblia para os Movimentos Religiosos Contemporâneos é diversificado: para uns, é um dos livros sagrados da humanidade; para outros, ainda que se reconheça que é o livro mais importante, sofre distorções pela leitura fundamentalista.

Este conjunto de diferenças nos Movimentos Religiosos Contemporâneos se constitui em um desafio para nossa fé: convida-nos a aprofundar nossas raízes e a oferecer a mensagem da palavra de Deus de tal maneira que seja acolhida por todos os homens e chegue a ser fonte de vida e salvação.

III — OPÇÕES PASTORAIS

Fazemos estas opções pelo desejo de ser fiéis seguidores de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos interpela hoje, desde o grande desafio da realidade de pobreza e opressão em que se encontra a grande maioria de nosso povo e a partir da existência e avanço dos Movimentos Religiosos Contemporâneos. Este fenômeno religioso tem que ser visto à luz da fé como um dos sinais dos tempos, que questiona a vida e a ação pastoral de nossas igrejas.

1. Opção pelo pobre

Frente aos desafios apresentados, expressamos a exigência de viver a opção preferencial e solidária com os pobres, não exclusiva nem excludente, que implica:

— numa prática religiosa que tenha em conta as necessidades vitais dos pobres;

— na aproximação com o povo, como pastores responsáveis de nossas igrejas e na solidariedade com suas necessidades materiais e espirituais. Assim, desde os pobres e com eles nos comprometemos a construir uma igreja dos pobres e não somente para os pobres, concretizada em igrejas locais criadas a partir dos valores

autóctones, como espaço de solidariedade e fraternidade.

2. Evangelização

Reconhecemos e assumimos a evangelização como tarefa fundamental de nossas igrejas, que leve em consideração:

— valorizar a dimensão espiritual e transcendente da experiência de Deus, própria de nosso povo.

— entregar a Palavra de Deus aos pobres como seus primeiros destinatários e ajudá-los a utilizar a Bíblia, lendo-a e refletindo sobre ela, como referência à sua própria realidade.

— coerência entre fé e compromisso, que dê credibilidade à tarefa evangelizadora.

— criar comunidades e outros grupos cristãos organizados que, a partir de sua vivência religiosa, assumam o compromisso sócio-político fundamental, apoiando e promovendo a organização popular e atendendo também às dimensões pessoais e familiares.

— apoiar aos leigos, para que, motivados pela fé, assumam sua tarefa na construção da sociedade, participando nas organizações populares e políticas em coerência com sua fé cristã e a opção pelos pobres.

— respeitar e promover a cultura própria do povo tratando de conhecê-la e vivê-la para optar por ela.

— respeitar o ritmo próprio do povo quanto à sua participação e compromisso social.

— elaborar uma linguagem autenticamente religiosa e uma teologia que, explicitando a dimensão escatológica do Reino, assuma a realidade social, política e cultural de nossos países.

3. Celebração e educação da fé

Congregados em nossas igrejas pelo Espírito Santo para ir ao Pai por Nosso Senhor Jesus Cristo, desejamos celebrar a fé de tal modo que expresse nossa identidade cristã e nossa tarefa de acolher e estender o Reino, o que implica em:

— alentar uma verdadeira espiritualidade, que passe pelo compromisso com os irmãos e alcance todas as dimensões da vida.

— criar um culto religioso vivencial e ameno, que in-

corpore as formas de expressão simples de nossa gente, de modo que ela possa participar ativamente no culto.

— educar o crente no sentido profundo da oração pessoal e comunitária.

Junto à celebração da fé, sentimos a urgência da educação da fé, para o qual se requer uma formação permanente que estimule aos crentes a cumprir suas tarefas na construção da igreja e do mundo, criando comunidades cristãs que possibilitem relações interpessoais profundas e comprometidas.

4).Justiça e Paz

Reafirmamos nossa opção pela paz, fundamentado na justiça, que nos compromete a:

— promover e defender os direitos humanos, denunciando todos os sinais do anti-Reino, que destroem a vida do homem, e apoiando o direito dos pobres a uma subsistência digna e à sua organização.

— estimular a tomada de consciência do pobre no sentido de conhecer a sua realidade e apoiar sua tarefa histórica na construção de uma sociedade justa e fraterna.

— denunciar a manipulação da religião como mero instrumento em favor da ideologia e de interesses econômicos e políticos.

— denunciar, de modo especial, aos governos que oprimem a nossos povos e violam seus direitos.

5.Renovação de nossas Igrejas

Considera-se indispensável:

— revalorizar a atitude de permanente conversão e renovação de nossas igrejas para serem fiéis ao exemplo de Jesus, a partir da opção pelos pobres.

— renovar as estruturas, métodos e formas de vida de nossas igrejas, no sentido de que estejam a serviço das necessidades do nosso povo.

— promover e ampliar a participação dos leigos no sentido de que assumam significativas responsabilidades e apoiar a sua formação religiosa e humana.

6.Opção ecumênica

Torna-se recomendável:

— promover o ecumenismo vivendo a opção pelos pobres de maneira que, além do simples diálogo, seja um encontro ecumênico a serviço de um projeto libertador que surja da própria base popular.

— levar o “Shalom”, a paz em seu sentido de integridade, a todo o povo de Deus, sobre a base da justiça.

— no espírito da liberdade religiosa, tratar de estabelecer sistemas de informações mútuas, no sentido de um conhecimento melhor dos Movimentos Religiosos Contemporâneos, com uma atitude positiva, capaz de reconhecer e valorizar o que neles há de bom, sem entretanto deixar de denunciar seus erros.

— tomar uma atitude de abertura aos Movimentos Religiosos Contemporâneos, desde a opção pela verdade sobre Deus e sobre o homem, buscando ser testemunhos fiéis do evangelho em nossa prática de vida.

— assumir uma atitude de diálogo ecumênico, não só entre nós mesmos, mas também com os líderes e demais membros de outros movimentos religiosos que estejam dispostos a esse diálogo.

—enfrentar o desafio dos Movimentos Religiosos Contemporâneos, aprofundando nossa fé para que tenhamos condições de ajudar ao nosso povo a distinguir a verdade do Evangelho.

— reviver constantemente nosso próprio ser e a tarefa eclesial à luz do Evangelho e da realidade latino-americana e caribenha.

7.Opção pela esperança

Apoiados em Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, manifestamos nossas esperanças, como igrejas cristãs, de nos comprometermos a:

— construir um projeto de vida e plenitude, em que valorizemos as pessoas, povos e culturas.

— apoiar o povo que se organiza e cria seu projeto de libertação integral, construindo a história e fazendo presente nele os sinais do Reino, no caminho da plenitude do Senhor.

Cuenca, 10 de novembro de 1986

Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai)
Conferência Episcopal Equatoriana (Diocese de Cuenca)
Conferência de Igrejas do Caribe (CCC)